

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DIOGO ALBERTO DE MORAES

DE VIENA A SANTIAGO:  
UM ESTUDO SOBRE A TRAJETÓRIA DE ROSENSTEIN-RODAN

CURITIBA

2021

DIOGO ALBERTO DE MORAES

DE VIENA A SANTIAGO:  
UM ESTUDO SOBRE A TRAJETÓRIA DE ROSENSTEIN-RODAN

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico da, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná (PPGDE/UFPR) como requisito para obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Econômico.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Angeli

CURITIBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS –  
SIBI/UFPR COM DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)  
Bibliotecário: Eduardo Silveira – CRB 9/1921

Moraes, Diogo Alberto de  
De Viena a Santiago: um estudo sobre a trajetória de Rosenstein-  
Rodan / Diogo Alberto de Moraes - 2021.  
90 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-  
Graduação em Desenvolvimento Econômico, do Setor de Ciências Sociais Aplicadas.

Orientador: Eduardo Angeli.

Defesa: Curitiba, 2021.

1. Desenvolvimento econômico. 2. Rosenstein-Rodan, P. N. 3. Áustria.  
4. Chile. I. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Sociais Aplicadas. Programa  
de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico.  
II. Angeli, Eduardo. III. Título.

CDD 330.092



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DESENVOLVIMENTO  
ECONÔMICO - 40001016024P0

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **DIOGO ALBERTO DE MORAES** intitulada: **De Viena a Santiago: Um Estudo Sobre a Trajetória de Rosenstein-Rodan**, sob orientação do Prof. Dr. EDUARDO ANGELI, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 24 de fevereiro de 2021.

Assinatura Eletrônica 26/02/2021 13:09:29.0 EDUARDO ANGELI  
Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica 25/02/2021 16:09:35.0  
MARCO ANTONIO RIBAS CAVALIERI  
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica 26/02/2021 11:08:24.0  
ANDRÉ RONCAGLIA DE CARVALHO  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO)

---

AV. PREFEITO LOTHARIO MEISSNER, 632 - CURITIBA - Paraná - Brasil  
CEP 80210-170 - Tel: (41) 3360-4400 - E-mail: ppgde@ufpr.br  
Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 77187  
Para autenticar este documento/assinatura, acesse  
<https://www.prrppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 77187

- *Gostaria de comprar um ovo, por gentileza – disse timidamente – como os vende?*  
 – *Cinco pence por um... dois pence por dois – respondeu a ovelha.*  
 – *Então dois custam menos que um? – perguntou Alice surpresa, pegando a bolsa.*  
 – *Só que, se comprar dois, tem de comê-los – disse a ovelha.*  
 – *Nesse caso quero um, por favor – disse Alice, pondo o dinheiro no balcão – os dois não devem ser grande coisa.*

## Lewis Carrol

*En Viena hay diez muchachas,  
 un hombro donde solloza la muerte  
 y un bosque de palomas disecadas.  
 Hay un fragmento de la mañana  
 en el museo de la escarcha.  
 Hay un salón con mil ventanas.  
 ¡Ay, ay, ay, ay!  
 Toma este vals con la boca cerrada.*

*Porque te quiero, te quiero, amor mío,  
 en el desván donde juegan los niños,  
 soñando viejas luces de Hungría  
 por los rumores de la tarde tibia,  
 viendo ovejas y lirios de nieve  
 por el silencio oscuro de tu frente.  
 ¡Ay, ay, ay, ay!  
 Toma este vals del "Te quiero siempre".*

*Este vals, este vals, este vals,  
 de sí, de muerte y de coñac  
 que moja su cola en el mar.*

*En Viena bailaré contigo  
 con un disfraz que tenga  
 cabeza de río.*

*En Viena hay cuatro espejos  
 donde juegan tu boca y los ecos.  
 Hay una muerte para piano  
 que pinta de azul a los muchachos.  
 Hay mendigos por los tejados.  
 Hay frescas guirnaldas de llanto.  
 ¡Ay, ay, ay, ay!  
 Toma este vals que se muere en mis  
 brazos.*

*¡Mira qué orilla tengo de jacintos!  
 Dejaré mi boca entre tus piernas,  
 mi alma en fotografías y azucenas,  
 y en las ondas oscuras de tu andar  
 quiero, amor mío, amor mío, dejar,  
 violín y sepulcro, las cintas del vals.*

## Federico García Lorca

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer a meus pais, Carlos e Rosane, por terem sido meus maiores apoiadores desde o início de minha jornada. Não apenas essas figuras maravilhosas se encarregaram de custear por anos este projeto de economista, mas também foram os principais responsáveis por instigá-lo a seguir em frente e a materializar seus sonhos. Estarei eternamente em dívida pelo carinho e pela persistência.

Em seguida, preciso oferecer um testemunho sincero sobre uma figura central neste processo e para com a qual também tenho uma dívida imensa. Desde o primeiro “olá” até os últimos retoques deste documento que ora deposito na biblioteca de Ciências Sociais Aplicadas da UFPR, nenhuma pessoa foi mais capaz de me manter calmo e centrado do que meu orientador Eduardo Angeli. A ele coube o penoso trabalho de ler, reler e encontrar sentido em páginas escritas por um iniciante da História do Pensamento Econômico como eu. A ele coube incentivar a criatividade e inibir a digressão neste que foi o processo mais intenso de *kill your darlings* que já vivenciei. A ele coube a tarefa de, com muito zelo e paciência, corrigir minhas vírgulas, travessões e incontáveis erros de próclise – sobre os quais assumo total responsabilidade. E, por isso e muito mais, só me resta dizer que sou eternamente grato.

Pelos membros da minha banca maravilhosa, quero dizer que não poderia nutrir maior admiração e respeito. Não apenas lhes agradeço pela leitura tão diligente deste documento enfadonho, mas também pela forma como ofereceram seus melhores *insights* sem permitir que as necessárias críticas me desanimassem de explorar seus potenciais. Ao meu caro André Roncaglia, agradeço pelo miraculoso PDF comentado e pela sua grande abertura ao diálogo. Aproveito a oportunidade para lhe desejar toda a sorte com seu canal no *YouTube* e dizer que minha mãe já é sua fã.

Aos professores e servidores do curso, agradeço por toda a atenção e carinho com que trataram nossa turma nesse tempo tão curto. Já aproveito para pedir a minha fração de desculpas pelo episódio vergonhoso que nos custou a salinha. E, por fim, deixo um abraço especial para Kênia, Felipe e Adriana.

Ao Luiz, Thiago, Maria, Carol, Eduardo, Vitória e demais amigos que fiz ao longo desses meses, agradeço pela companhia e pelas incontáveis noitadas nessa cidade edênica que foi a Curitiba pré-pandemia. Espero vê-los em breve e lhes desejo toda boa sorte.

À minha caríssima Bárbara, agradeço pela constante e inestimável companhia, pelas caronas, pelo cuidado, pelas deliciosas receitas sem glúten, pelos intragáveis analgésicos, pelas entradas VIP em eventos literários, pelos exóticos passeios, pelos conselhos bem-intencionados, pelo apoio moral imprescindível por ocasião daquele “acidente” e por inúmeras outras coisas que não caberiam nesta página.

À CAPES, agradeço pelo apoio financeiro e (*claro!*) pela mera existência nesses tempos tão obscuros da política.

Por fim, agradeço àquela que, embora não tenha podido presenciar minha graduação ou mesmo esta nova conquista, sempre torceu muito pelo meu sucesso. À minha querida avó Honorina, agradeço por sempre ter sonhado tão alto quanto eu.

## RESUMO

Dividido em dois ensaios, este trabalho oferece um apanhado da carreira de Paul Narcyz Rosenstein-Rodan (1902-1985) em alguns de seus aspectos menos explorados pela literatura existente. É de amplo conhecimento que o economista austríaco alcançou a fama internacional pela publicação, em 1943, de um artigo pioneiro sobre os desafios da industrialização do leste europeu. A obra, primeira a articular os conceitos de *big push* e crescimento balanceado, entraria no cânone da recém-criada disciplina de economia do desenvolvimento e mudaria completamente os rumos de sua carreira. No entanto, poucos têm uma compreensão satisfatória do processo de formação que este viveu em Viena e que, somado às tensões políticas da Guerra, poderia justificar sua guinada para a área do desenvolvimento, que pouco compartilhava dos preceitos austríacos. Além disso, poucos conseguem entender o porquê de, por ocasião da crise democrática chilena de 1973, Rosenstein-Rodan ter adotado um posicionamento que tão facilmente se entenderia por um apoio à ditadura militar. Ao final da pesquisa, o trabalho estabelece que, embora bastante construtiva e prolífica, a geração de economistas austríacos a que Rosenstein-Rodan pertencia já não era caracterizada pelos valores estabelecidos décadas antes pelo fundador Carl Menger. No que diz respeito à questão chilena, conclui-se que é possível que as palavras de Rosenstein-Rodan tenham soado mais condescendentes e irresponsáveis do que realmente eram, particularmente considerando o contexto de polarização política e caos social que imperava na nação sul-americana na década de setenta.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento econômico. Rosenstein-Rodan. Áustria. Chile.

## ABSTRACT

Consisting of two essays, this work offers an overview on the career of Paul Narcyz Rosenstein-Rodan (1902-1985) at some of its less explored aspects in the current literature. It is widely known that the Austrian economist achieved international fame by publishing, in 1943, a pioneering article on the challenges of industrialization in Eastern Europe. The work, first to articulate the concepts of big push and balanced growth, would make it to the canon of the recently born discipline of development economics and completely change the direction of his career. However, few yet have a satisfactory understanding of the formation process that he experienced in Vienna and that, added to the political tensions of the War, could justify his turn towards the area of development, which shared few of the Austrian guidelines. In addition, not many can understand why, during the 1973 Chilean democratic crisis, Rosenstein-Rodan adopted a position that would be so easily understood as a support for the military dictatorship. At the end of the research, the work establishes that, although quite constructive and prolific, the generation of Austrian economists to which Rosenstein-Rodan belonged was no longer characterized by the precepts established decades earlier by the founder Carl Menger. With regard to the Chilean question, it is concluded that it is possible that Rosenstein-Rodan's words sounded more compliant and irresponsible than they really were, particularly considering the context of political polarization and social chaos that prevailed in the South American nation in the seventies.

**Key-words:** Economic Development. Rosenstein-Rodan. Austria. Chile.

## PRESS RELEASE

Nome: Diogo Alberto de Moraes

Título da dissertação: De Viena a Santiago: ensaios sobre a trajetória de Rosenstein-Rodan

PPG: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico

Linha de pesquisa: História do Pensamento Econômico

Orientador: Eduardo Angeli

### **1. O que lhe levou a escolher esse tema/objeto de pesquisa?**

O motivo que me levou a pesquisar sobre a carreira acadêmica de Rosenstein-Rodan foi a relativa carência de materiais no assunto, particularmente em língua portuguesa. Longe de ser um estranho ao assunto, Rosenstein-Rodan foi um dos pioneiros da disciplina de desenvolvimento econômico, tema do meu programa de pós-graduação. Minha principal curiosidade era entender melhor o caminho que o levou da Escola Austríaca de Viena, defensora da organização espontânea dos agentes econômicos e dos mercados, para as políticas de auxílio internacional e gestão centralizada de investimentos.

### **2. Cite 3 obras que foram fundamentais para a realização da sua pesquisa.**

A minha principal referência para a pesquisa foi provavelmente um texto de Michele Alacevich, publicado em 2020, com o título “*Paul Rosenstein-Rodan and the Birth of Development Economics*” que faz uma descrição da carreira de Rosenstein-Rodan após a recente redescoberta de muitos de seus artigos em um arquivo dentro da Universidade de Boston. Além desta, foram fundamentais os trabalhos de Earlene Craver (“*The emigration of the Austrian economists*”) e de Hamid Hosseini (“*Rosenstein-Rodan: From marginal utility to a pioneer in economic development & possibly socio-economics*”) para descrever outros aspectos de sua trajetória. Também não posso negligenciar os trabalhos do próprio Rosenstein-Rodan, dentre os quais se destaca seu artigo de 1974 “*Why Allende Failed*” e o aclamado “*Problems of industrialisation of eastern and south-eastern Europe*” de 1943.

### **3. Onde sua pesquisa foi realizada?**

Originalmente, se previa acessos a acervos físicos nas bibliotecas da UFPR e da USP, além de requisição de cópias digitais do acervo que contém relatórios e textos produzidos por Rosenstein-Rodan no *Howard Gotlieb Archival Research Center* da Universidade de Boston. Ambas as pretensões foram frustradas já em março de 2020 por conta do distanciamento social imposto para conter a propagação do SARS-Cov-2. Como resultado, alguns possíveis objetos de análise ficaram de fora da pesquisa. A conclusão deste trabalho, em janeiro de 2021, foi realizada ainda em isolamento e sem previsão de retorno às atividades presenciais.

**4. Qual a principal constatação, o principal resultado de sua pesquisa?**

A principal constatação do trabalho é a de que Rosenstein-Rodan, a despeito de suas origens, estava longe de ser um economista austríaco no sentido mais comum da expressão. O primeiro ensaio trata de como a comunidade intelectual e acadêmica vienense lidou com as instabilidades causadas pela Guerra. Nele, vemos o ecletismo do autor nos seminários frequentados pela cidade e como isto impactaria sua carreira nas décadas seguintes. No segundo ensaio, o que se vê é novamente um distanciamento entre Rosenstein-Rodan e alguns de seus colegas mais famosos. Ao passo em que Hayek, Mises e outros pensadores liberais gravitavam em direção aos regimes autoritários, as inclinações de Rosenstein-Rodan tinham natureza desenvolvimentista e pró-democracia.

**5. Aponte a principal contribuição da sua pesquisa para a área do conhecimento em que ela foi desenvolvida**

A principal contribuição do trabalho é colocar em evidência um autor que, embora pioneiro na temática do desenvolvimento econômico, não necessariamente recebe muita atenção pelos acadêmicos brasileiros. Não obstante, a narrativa sobre seu processo de formação e o caminho pouco ortodoxo que sua carreira seguiu também deve contribuir para a construção de uma imagem mais realista dos economistas austríacos – comumente associados ao radicalismo liberal. Suas divergências com os ex-colegas na questão chilena também podem servir para ilustrar a pluralidade de pensamentos entre os ex-alunos da Universidade de Viena.

**6. Qual você considera o diferencial ou principal inovação da sua pesquisa em relação a outros estudos já realizados sobre o mesmo tema/objeto?**

Um dos principais diferenciais do primeiro ensaio é a ênfase que este coloca no processo de informalização da vida acadêmica ocorrido na Viena do entre guerras e no impacto que este teria na formação dos alunos do curso de economia da principal universidade da Áustria. No segundo ensaio, a principal inovação provavelmente é a diferenciação entre o pensamento de Rosenstein-Rodan e o de seus pares austro-liberais.

**7. Qual a principal contribuição da sua pesquisa para a sociedade de forma mais ampla?**

Acredito que o texto, embora com um apelo muito maior ao público acadêmico (e da área da economia), poderia oferecer ao leitor leigo uma perspectiva interessante sobre o processo de formação e amadurecimento dos economistas do século XX. Também entendo que os temas da alienação da Universidade e a informalização da produção cultural e científica são atemporais e dialogam muito bem com alguns dos desafios que enfrentamos na atualidade – como o financiamento inconstante da pesquisa e a tensão política no meio acadêmico.

Com relação ao segundo ensaio, não há dúvidas de que a experiência chilena com o autoritarismo esteja repleta de lições importantes ao leitor brasileiro. Nesse sentido, o texto tem uma recapitulação de alguns dos principais acontecimentos que levaram Pinochet ao poder. Também tem pareceres interessantes sobre o desenvolvimento latino-americano feitas por um dos maiores expoentes da teoria de *big push* na época. Ademais, oferece uma exploração bastante extensa do argumento da ditadura de transição e de alguns outros argumentos que, bem ou mal, compõem um quadro razoável das pautas neoliberais na América Latina.

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO .....  | 14 |
| 1 ROSENSTEIN-RODAN EM VIENA .....   | 17 |
| 1.1 Introdução .....  | 17 |
| 1.2 Escola Austríaca .....  | 19 |
| 1.2.1 O Cenário Intelectual na Viena do entre guerras .....                             | 21 |
| 1.2.2 Os Seminários e Autores da Escola Austríaca .....                                 | 24 |
| 1.2.3 Os Desenvolvimentos da Escola Austríaca no Entreguerras .....                     | 31 |
| 1.3 Rosenstein-Rodan .....  | 36 |
| 1.3.1 Os trabalhos de Rosenstein-Rodan .....  | 37 |
| 1.3.2 A possível quebra estrutural nos trabalhos de Rosenstein-Rodan no pós-guerra..... | 41 |
| 1.4 Emigração .....   | 43 |
| 1.4.1 A deterioração das condições de vida dos judeus em Viena.....                     | 44 |
| 1.4.2 A emigração dos economistas austríacos.....                                       | 45 |
| 1.4.3 A emigração de Rosenstein-Rodan .....   | 46 |
| 1.5 Considerações Finais .....  | 48 |
| 2 ROSENSTEIN-RODAN E A AMÉRICA LATINA .....   | 50 |
| 2.1 Introdução .....  | 50 |
| 2.2 A Crise Democrática Chilena .....   | 53 |
| 2.2.1 Os Problemas da Gestão Allende.....   | 54 |
| 2.2.2 O Golpe Militar .....   | 57 |
| 2.2.3 O Cenário Pós-Golpe .....   | 58 |
| 2.3 As ideias de Rosenstein-Rodan.....  | 60 |
| 2.3.1 O que disse Rosenstein-Rodan no texto de 1974.....                                | 60 |
| 2.3.2 A Repercussão do Texto de 1974 .....  | 61 |

|                   |   |    |
|-------------------|---|----|
| 2.3.3             | O Discurso de Rosenstein-Rodan para o CIAP .....      | 62 |
| 2.3.4             | Como suas ideias se relacionavam à sua carreira ..... | 65 |
| 2.4               | Os austro-liberais e a democracia .....               | 67 |
| 2.4.1             | O que pensava Mises sobre democracia .....            | 67 |
| 2.4.2             | O que pensava Hayek sobre democracia.....             | 69 |
| 2.4.3             | O argumento da ditadura de transição.....             | 73 |
| 2.4.4             | O transformista.....                                  | 75 |
| 2.5               | Os diferenciais de Rosenstein-Rodan .....             | 77 |
| 2.6               | Considerações Finais .....                            | 81 |
| CONCLUSÃO .....   |   | 82 |
| REFERÊNCIAS ..... |   | 84 |

## INTRODUÇÃO

Paul Narcyz Rosenstein-Rodan (1902-1985) foi um economista judeu educado na Escola Austríaca de Economia ao longo da década de 1920 e um dos pesquisadores pioneiros da Economia do Desenvolvimento. Nascido em Cracóvia, filho de um juiz de direito e de uma dona de casa, o jovem migraria para Viena em busca de qualificação superior. Lá, demonstraria interesse nas temáticas de teoria econômica pura, como utilidade marginal e o papel do tempo. Também se inteiraria de outras discussões comuns à Escola Austríaca em seu tempo, como teoria monetária, teoria do capital e o debate do cálculo econômico socialista.

Sua formação nos anos 20 se daria em meio a grandes mudanças sociais. Anos antes a capital de um grande império, Viena agora se via no centro de uma pequena e depauperada república, às voltas com problemas de inflação descontrolada, com prejuízos da Primeira Guerra Mundial – tais quais a fome e a mendicância – e assolada por conflitos internos. Na Universidade, assim como demais alunos da chamada quarta geração de economistas austríacos, Rosenstein-Rodan teria pouco contato com as obras do fundador Carl Menger. E isso seria em grande medida atribuível às mudanças de currículo promovidas na gestão de Friedrich Wieser e de seu próprio orientador, Hans Mayer.

No despontar da década de 1930, péssimas perspectivas profissionais e tensões sociais crescentes o fariam migrar para Londres e aceitar uma bolsa para divulgação de trabalhos científicos italianos na Inglaterra. Em alguns anos já conseguiria um contrato de docência no University College London. E, quando a hostilidade alemã surgiu com mais clareza, em grande medida um reflexo dos termos de indenização de guerra previstos no Acordo de Paris (1919), Rosenstein-Rodan aceitaria uma posição em um *think tank* comprometido em aconselhar o governo britânico nas suas estratégias de enfrentamento à ameaça nazista – a Chatham House.

De seus trabalhos na Chatham House, adviria o seu famoso artigo “*Problems of Industrialization of Eastern and South-Eastern Europe*”, publicado em 1943. Uma grande quebra com a lógica de laissez-faire que dominava as estratégias de política internacional da maioria dos países à época, o artigo propunha um investimento maciço e publicamente gerido com o intuito de promover o impulso necessário ao estabelecimento de um

crescimento autossustentado na região. Além de garantir o crescimento econômico da região, que seria benéfico a todos, a aproximaria do Império Britânico e de seus esforços de repelir a expansão da zona de influência alemã.

A partir de 1944, o autor já começava a desenvolver uma generalização de sua teoria. Um novo artigo traçava paralelos entre os problemas do leste europeu com outras regiões do mundo. Assim que, com o final da guerra (e do valor prático de seu trabalho para o governo britânico), Rosenstein-Rodan iria para os Estados Unidos e se juntaria ao Banco Mundial em 1947. Lá, se envolveria com projetos de financiamento internacional, como o que buscava promover a industrialização do sul da Itália.

Nos anos 1950, com uma popularidade crescente, Rosenstein-Rodan seria contratado pelo *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) para assumir uma vaga em no Centro para Estudos Internacionais (CENIS). Originalmente criado para evitar o avanço do socialismo, o centro queria ampliar seu escopo e estudar formas de promover a industrialização e o desenvolvimento em países. Nessa época, Rosenstein-Rodan trabalharia em projetos envolvendo Itália e Índia. A partir daí sua carreira como pesquisador da economia do desenvolvimento estaria consolidada.

O principal objetivo do primeiro ensaio é ilustrar o contexto de formação de Rosenstein-Rodan por meio da recuperação dos principais aspectos da organização e produção acadêmica na cidade naquele período. Além de tratar dos seminários, círculos de debate e colóquios realizados, se reconstituem alguns detalhes sobre os mestres que os promoviam à época, bem como seus relacionamentos e maiores contribuições científicas. Abordam-se brevemente os avanços teóricos realizados pela corrente no período e algumas das atividades que Rosenstein-Rodan exerceu (ou que foi impedido de exercer) ao longo da década. São também ilustradas as condições de vida e trabalho às sombras da iminente invasão nazista e alguns dos efeitos que essa surtiria sobre a academia. Por fim, versa-se sobre sua saída da cidade em meio à emigração maciça de seus colegas e as novas oportunidades no exterior.

No segundo ensaio, o interesse de pesquisa se volta à aproximação de Rosenstein-Rodan aos desafios do desenvolvimento econômico latino-americano, com particular destaque à situação do Chile e ao golpe militar que se consolidou no país em 1973. Sabe-se que no ano seguinte, o autor publicou um texto creditando a queda do governo de Salvador Allende à incompetência e à equivocada conversão de valores socialistas de

justiça social em plataformas de ação política, que causaram um enorme prejuízo à sociedade chilena que “quase [...] pedia por um golpe militar” (ROSENSTEIN-RODAN, 1974, p. 13, tradução nossa). No mesmo texto, argumenta que a supressão momentânea da atividade política poderia ser necessária para reduzir as tensões políticas, além de ponderar que, no fundo, todas as sociedades são governadas por elites minoritárias – o que poderia facilmente ser entendido como um aceno positivo ao governo do general Augusto Pinochet.

Bastante impopulares, seus argumentos deixaram incrédulos os leitores que viam incoerência entre sua carreira de economista do desenvolvimento com o apoio a regimes autocráticos. E nesse sentido, se firma como principal objetivo do segundo ensaio a submissão da análise de Rosenstein-Rodan a um escrutínio mais direcionado a avaliar em que termos (e se) tal apoio de fato se dá. A principal estratégia do trabalho é a comparação de seus conceitos com as ideias de Mises e Hayek, outros autores da Escola Austríaca que, com muito mais facilidade, podem ser associados ao regime.

Ponto importante do trabalho é estabelecer um diálogo com outras obras que previamente se dedicaram à tarefa de esquematizar a trajetória de Rosenstein-Rodan para além de sua obra mais famosa. Particular destaque, nesse quesito, se deve às pesquisas de Hosseini (1999) e Alacevich (2020). Esta última, inclusive por dispor de recursos documentais que se acreditavam perdidos há décadas, foi capaz de jogar nova luz à influência discreta do autor, na forma de textos não publicados (ou *grey material*) bem como ao seu papel como coordenador de alguns grupos de pesquisa. À literatura já estabelecida, a contribuição principal deste documento é o aprofundamento de alguns dos temas que, dotados de certa importância para a história do economista, não foram ponto focal de muitos trabalhos. Por fim, depois do segundo ensaio, serão feitas algumas considerações finais sobre a matéria.

## 1 ROSENSTEIN-RODAN EM VIENA

### 1.1 INTRODUÇÃO

Paul Narciz Rosenstein-Rodan (1902-1985) foi um economista judeu nascido em Cracóvia e educado na Escola Austríaca de Pensamento Econômico, na cidade de Viena (ALACEVICH, 2020). Pouco se sabe sobre sua infância além de que seu pai era juiz de direito e sua mãe era do lar (HÜLSMANN, 2007, p. 17). Sua origem elitista não destoava muito da dos demais autores que compunham a Escola Austríaca no seu tempo - em que eram abundantes os “*von*” nos sobrenomes dos alunos, e os recursos privados à disposição dos seus principais docentes (DEKKER, 2014, p. 40).

Com uma carreira inicialmente marcada por interesses ligados às temáticas da Escola Austríaca, como a teoria econômica pura, a utilidade marginal e o papel do tempo, seu processo de distanciamento se confirmaria em 1943. Naquele ano, publicou um trabalho sobre as dificuldades da industrialização do Leste Europeu e formas de lidar com a questão. Com essa obra, não apenas ganharia destaque na recém-nascida disciplina de desenvolvimento econômico, mas também ajudaria a popularizar conceitos como o *big push* e o crescimento balanceado – ideias que ilustram o potencial (e, por vezes, a necessidade) do financiamento ao desenvolvimento industrial das regiões mais periféricas do globo.

Com passagens pela *University College London* (desde 1930) e pela *London School of Economics* (até 1947), Rosenstein-Rodan também atuou em organizações internacionais como o Banco Mundial (1947-1953). Já nos Estados Unidos, lecionaria no MIT (1952-1968), na Universidade de Boston (1972-) - na qual fundou e dirigiu o Centro de Estudos em Desenvolvimento Latino-americano – e na Universidade do Texas (Austin). Rosenstein-Rodan também integrou, entre 1961 e 1966, um painel de nove *experts* em economia internacional na chamada Aliança para o Progresso (*Alliance for Progress*), estabelecida pela Organização dos Estados Americanos. No entanto, o grupo abdicaria por conta da queda na sua autonomia e da dominância do governo dos EUA nas decisões da organização (PAUL, 1985, p. 26).

A despeito da extensa carreira, pouco se discute sobre o autor na literatura. Um dos primeiros trabalhos que se propôs a demonstrar o processo evolutivo do seu pensamento teórico desde as primeiras publicações em Viena até os trabalhos sobre

América Latina foi provavelmente o publicado por Hamid Hosseini, em 1999. Anos mais tarde, em 2020, Michelle Alacevich aprofundou-se na análise da carreira acadêmica, considerando inclusive alguns dos seus principais escritos não publicados (o chamado *grey material*). Por meio de pesquisas documentais, o autor recuperou e reconstruiu mais alguns aspectos importantes de sua vida e pensamento, mais especificamente na área do desenvolvimento (ALACEVICH, 2020, p. 3).

Nenhum dos dois autores, no entanto, dá muita atenção à primeira etapa da sua carreira, os anos em Viena, marcados pelas guerras e pela decadência do Império Austro-húngaro. Hosseini (1999) dedica quase uma página à questão e é bastante restrito a um comentário sobre seus interesses de pesquisa e a uma breve descrição das suas publicações. Alacevich (2020), embora mais detalhista, também não se aprofunda na caracterização do ambiente acadêmico da cidade. Não descreve a formação ou o funcionamento dos principais círculos e seminários de pesquisa. Também não descreve seus professores e principais influenciadores da época - Ludwig von Mises e Hans Mayer são tangencialmente citados. Para suprir essa lacuna, o presente trabalho se propõe a investigar com maior profundidade esses aspectos, e também a abordar outros elementos importantes da história, como algumas percepções dos alunos, bastidores da Universidade, e uma certa contextualização do encaixe da Escola Austríaca no universo cultural e científico da época.

O primeiro interesse desta pesquisa diz respeito à vida acadêmica que Rosenstein-Rodan teve no seu período em Viena. O que se objetiva é ilustrar o ambiente e, além disso, sua experiência dentro dele. É sabido que a antiga capital da Áustria-Hungria ainda ocupava posição de evidência no cenário científico e cultural europeu, sendo um dos três melhores destinos para se estudar economia à época (ALACEVICH, 2020, p.3). Seus famosos círculos (ou *Kreise*) foram responsáveis por desenvolvimentos de vanguarda em várias áreas do conhecimento, em um regime relativamente desconectado dos poderes políticos (TIMMS, 2009). Desse modo, a formação acadêmica de um estudante universitário estaria diretamente relacionada, não só às disciplinas que este cursava na Universidade, mas também às mesas de discussão que frequentava fora dela.

Para a Escola Austríaca, isso significou que figuras como Mises poderiam realizar seus debates sem necessariamente depender do respaldo da Universidade de Viena, à época contaminada por interesses políticos e fervores antissemitas (DEKKER, 2014, p. 41). Mesmo que sem valor em si própria, é razoável imaginar que a autonomia

proporcionada pelo distanciamento entre os alunos e as instituições formais de ensino tenha proporcionado a interação intelectual em um ambiente mais amplo e multidisciplinar. De fato, os desenvolvimentos teóricos dessa época contemplaram áreas diversas, como a economia monetária, a teoria dos ciclos de negócios, o cálculo econômico socialista, o capital e o papel do tempo na economia, o comércio internacional, a teoria dos jogos e a teoria do equilíbrio geral (HAGEMANN, 2010).

Uma vez caracterizada a vida intelectual na cidade, o segundo interesse da pesquisa é abordar os trabalhos desenvolvidos por Rosenstein-Rodan à época. Além de elencar suas principais publicações, busca-se ilustrar como elas podem ser compreendidas como parte dos debates da época. Também é possível tecer considerações sobre o transbordamento que alguns conceitos teriam para os trabalhos posteriores, já no campo do desenvolvimento econômico, contextualizando o que esses trabalhos significariam frente ao corpo de publicações do autor.

Por fim, o terceiro interesse da pesquisa é abordar os termos da sua saída da cidade. Adota-se primeiramente uma perspectiva mais ampla, contemplando a deterioração das condições de vida e do intenso acoçamento das minorias étnicas, particularmente a judia. Em seguida, trata-se da emigração dos economistas austríacos. Por fim, das oportunidades de pesquisa e trabalho que propiciariam ao autor o seu reposicionamento na Itália e, mais tarde, na Inglaterra.

Além desta introdução, o trabalho conta com mais quatro seções. A segunda trata da Escola Austríaca de Pensamento Econômico e da produção científica no período do entre guerras. A terceira aborda alguns dos trabalhos, colaborações e interesses de pesquisa desenvolvidos por Rosenstein-Rodan no período. A quarta trata da sua saída da cidade em meio à ascensão do antissemitismo, da emigração maciça seus colegas e das oportunidades de trabalho e pesquisa no estrangeiro.

## **1.2 ESCOLA AUSTRÍACA**

Um bom entendimento da formação e dos primeiros anos da carreira de Rosenstein-Rodan dificilmente seria possível sem uma adequada contextualização das peculiaridades que caracterizavam a vida acadêmica local à época. A que mais chama a atenção é provavelmente a relativa marginalização da Universidade de Viena (DEKKER, 2014, p. 30), manifesta no papel dos círculos e seminários informais, recorrentes em meio aos cafés da cidade e alguns espaços privados. Estes, articulados como um sistema

intrincado de pequenos circuitos, eram compostos por professores e personalidades ocupando seus núcleos, e discípulos orbitando em seu entorno. As frequentes intersecções estabelecidas entre esses círculos promoviam a fertilização do ambiente criativo da cidade e, segundo Timms, “uma circulação rápida de ideias” (2009, p. 21, tradução nossa).

Uma vida intelectual mais informal, como era a vienense, tinha a vantagem de privilegiar aspectos sociais e culturais em detrimento dos debates demasiado teóricos que, à época, dominavam a academia em outros países europeus e nos Estados Unidos (DEKKER, 2014, p. 33). E o fato de que grande parte das atividades acadêmicas nem sequer se concentrava nas dependências da Universidade é um diferencial que se deve particularmente aos seus círculos de debate (ou *Kreise*) (TIMMS, 2009). Nestes, reuniam-se estudantes em torno de um professor que lhes direcionava literatura e liderava pesquisas em seu campo de domínio. Também eram realizadas discussões temáticas e apresentados os temas pesquisados por alunos e visitantes. Mises, por exemplo, é citado como frequentador dos seminários ofertados por Carl Grünberg, “um professor jovem e enérgico que recentemente obtivera o cargo de professor no departamento” (HÜLSMANN, 2007, p. 67, tradução nossa).

Desdobramentos particulares ao contexto da Escola Austríaca também merecem atenção. Mudanças nas lideranças da Universidade teriam implicações na formação dos jovens economistas (HÜLSMANN, 2007, p. 160). Enquanto isso, fora dela, pesquisadores se valeriam de recursos próprios para oferecer aos alunos outras frentes de pesquisa e debate (DEKKER, 2014, p. 40).

Marcado por diferenças metodológicas, disputas de ego e tráficos de influência, o período seria o último em que os principais nomes da corrente de pensamento estariam reunidos na mesma cidade. A partir daí os autores mais expoentes passariam a desenvolver seus trabalhos em outros países. Casos mais famosos seriam o de Hayek, um dos maiores responsáveis pela disseminação das ideias da Escola Austríaca na Inglaterra e o de Mises, que teria um papel parecido nos Estados Unidos (VAUGHN, 1994, p. 62)<sup>1</sup>.

A última parte da seção se dedica à apresentação dos resultados. São elencados alguns dos principais campos de pesquisa que foram contemplados ao longo do período.

---

<sup>1</sup> O texto de Vaughn (1994, p. 62), sugestivamente intitulado “*Austrian Economics in America: the Migration of a Tradition*”, menciona Schumpeter, Haberler, Machlup e Morgenstern dentre os economistas austríacos que precederam Mises em sua fuga para os EUA, no contexto da ascensão do nazismo.

E, por fim, são relacionados alguns dos autores que detiveram maior protagonismo nesse sentido.

### 1.2.1 O CENÁRIO INTELECTUAL NA VIENA DO ENTRE GUERRAS

No período que Mises (2007, p. 4) considera a “grande era do liberalismo”, as mais conceituadas universidades da França e da Alemanha tinham um papel nobre na disseminação da cultura em meio à sociedade. Com seus renomados professores, não se limitavam à capacitação profissional e à formação acadêmica, mas eram também centros de erudição abertos aos *outsiders*. Homens e mulheres dos negócios, da política e de outras tantas áreas enchiam salas de aula em Paris para ouvir Renan, Fustel de Coulanges e Bergson, por exemplo.

A aproximação entre a comunidade acadêmica e o público em geral, particularmente em Viena, lhe parecia muito positiva. A seu ver, deixava transparecer a qualidade das lideranças universitárias, tanto nos melhores dias da Universidade, quanto em sua decadência, como pode ser evidenciado em seu próprio texto

In Vienna [...] close association of the university teachers with the cultured public of the city prevailed in the last decades of the nineteenth century and in the beginning of our century. It began to vanish when the old masters died or retired and men of smaller stature got their chairs (MISES, 2007, p. 4).

E, de fato, no final do século XIX, a cidade presenciara uma época virtuosa de progressos nas artes e em diversas áreas da ciência. Dekker (2014, p. 30) apresenta como exemplos alguns nomes em evidência na física (Mach e Boltzman), na psicologia (Freud e Adler), nas artes visuais (Klimt, Kokoschka e Schiele), na música (Mahler, Schönberg e Berg), na arquitetura (Wagner e Loos), na literatura (Hoffmanstahl, Roth, Musil e Zweig) e na crítica cultural (Kraus). O período entre guerras também observaria a ascensão de outras áreas do conhecimento, como foi o caso da filosofia, ciências sociais, lógica e matemática. Fundamental para estas seria o papel desempenhado pelo famoso Círculo de Viena (*Wiener Kreis*).

O Círculo de Viena, grupo composto por filósofos e cientistas que pregavam o que seria conhecido como “positivismo lógico”, seria iniciado em 1925, três anos após a chegada de Moritz Schlick, seu coordenador, à Universidade. Entendia que o papel da filosofia era garantir que o conhecimento tivesse forma clara e livre de ambiguidades, opondo-se à metafísica e a idealismos (CALDWELL, 1994, p. 13). Nesse contexto, a consciência filosófica, a matemática e as ciências exatas eram entendidas como

instrumentos para o propósito da harmonização das ciências, pela unificação dos métodos e criação de uma língua científica (MADERTHANER; SILVERMAN, 2009, p. 74).

Diferente do que ocorria com outros círculos em Viena, os principais encontros do *Wiener Kreis* geralmente se davam dentro da Universidade. Figuras importantes nesse contexto, além do coordenador, eram Otto Neurath, Hans Hahn<sup>2</sup>, Philipp Frank e Karl Menger (filho do economista homônimo). Um aspecto interessante sobre o *Kreis* diz respeito à sua heterogeneidade. Dekker (2014) menciona pelo menos duas alas: uma mais conservadora e outra crítica. Esta última tinha Otto Neurath como membro mais expoente e sustentava uma relação fundamental entre o socialismo, ideais emancipatórios e o conhecimento científico. A primeira, tinha no próprio Schlick seu principal representante, e “estava mais interessada na ciência pura, livre de valores ou metafísicas” (DEKKER, 2014, p. 37-38, tradução nossa).

Dos círculos de debate mais próximos à temática da economia, o caráter liberal – da defesa do livre mercado e da livre iniciativa – não era necessariamente a norma. O círculo austro-marxista, por exemplo, era bastante ativo no período, e tinha como membros importantes Otto Bauer, Karl Renner, Max Adler, Rudolf Hilferding e Julius Deutsch. Além deste, do círculo de Mises (frequentado por Rosenstein-Rodan<sup>3</sup>) e do próprio Círculo de Viena, temáticas econômicas eram discutidas nos círculos liderados por Hans Kelsen, Heinrich Gomperz, Karl Menger (geralmente referido como um colóquio matemático), Friedrich von Hayek (conhecido como *Geistkreis*) e por Othmar Spann (DEKKER, 2014, p. 36)<sup>4</sup>.

Mises, longe de creditar a promoção desses movimentos culturais autônomos ao governo local, considera que estes, assim como a Escola Austríaca, foram fruto da cultura liberal da Áustria, que seria futuramente esmagada pelo nazismo. Em suas palavras

In this soil Franz Brentano’s philosophy could grow roots, as could Bolzano’s epistemology, Mach’s empiricism, Husserl’s phenomenology, and Breuer’s and Freud’s psychoanalysis. In Austria the air was free from the specter of Hegelian dialectics. There was no mood, in the sense of a national duty, to “overcome” the ideas of Western Europe. In Austria, eudaemonism [sic],

---

<sup>2</sup> Que inclusive intermediara a contratação de Schlick (LEONARD, 1998, p. 8).

<sup>3</sup> É interessante observar que, ao passo que Dekker (2014) cita Rosenstein-Rodan como um dos participantes do *Miseskreis*, Hayek comenta, em entrevista a Leijonhufvud, que este não se fazia presente por motivos possivelmente políticos (HAYEK, 1983, p. 52).

<sup>4</sup> Dekker (2014, p. 36) oferece um diagrama relacionando os principais círculos de economia, seus participantes e os graus de relação entre eles.

hedonism, and utilitarianism were not scorned; they were studied (MISES, 2013, p. 26).

Pequena, mas culturalmente densa, Viena impelia seus residentes a se interessarem pela ciência e pela arte (HÜLSMANN, 2007, p. 26). Estudantes da Universidade e ouvintes externos, tinham excelentes oportunidades de frequentar (inclusive de organizar, no caso do primeiro grupo) seminários e círculos de debate contemplando disciplinas do seu interesse. Literatura, filosofia, psicologia, arte e política são bons exemplos (CARVALHO, 2007, p.18). A integração desses estudantes com intelectuais das outras áreas do conhecimento é, para Craver, central na definição da vida intelectual da cidade, fazendo dela um lugar único e estimulante (CRAVER, 1986, p. 1).

A marginalização da Universidade, no entanto, também oferecia seus riscos. A carência de instituições formais por vezes tinha impactos negativos na legitimação do trabalho de alguns autores. Além disso, fragilizava os prospectos de crescimento profissional dos participantes de determinados círculos (DEKKER, 2014, p. 30). Uma consequência clara dessa conjuntura poderia ser verificada futuramente, nas dificuldades de realocação de cientistas por ocasião do agravamento da situação política do país e da escassa oferta de empregos.

Se não podiam (ou não queriam) se valer da estrutura da Universidade, os promotores dos encontros se deparavam com a necessidade de providenciar um lugar apropriado. Para suprir essa demanda, ainda que parcialmente, vinham a calhar os cafés da cidade (TIMMS, 2009). Esses estabelecimentos, por vezes associados à intensa atividade cultural e à vida urbana, também eram lugares próprios para o espetáculo, consumo e libertinagem. Assim, não se estranharia que servissem como palco para a gestação de novos ideais políticos e sociais (ASHBY; GRONBERG; SHAW-MILLER, 2013, p. 1). Segundo Dekker, “for many Viennese these coffeehouses were much more than just a café, it was closer to a living room” (2014, p. 39). Destaque-se que os melhores cafés de Viena disponibilizavam edições dos principais periódicos científicos, artísticos e literários (HÜLSMANN, 2007, p. 25).

A despeito das praticidades oferecidas pelas cafeterias multifuncionais que caracterizaram a Viena do início do século XX, também era comum que os *Kreise* se encontrassem em salões, escritórios e outros espaços privados, como suas próprias casas. Bem coloca Dekker (2014) que não se deve ignorar que muitos desses intelectuais tinham origens na nobreza e recursos pessoais abundantes. Ademais, alguns ocupavam cargos

prestigiosos no setor público, e inclusive eram dotados da prerrogativa de indicar nomes para o preenchimento de certas vagas<sup>5</sup> (DEKKER, 2014, p. 40).

### 1.2.2 OS SEMINÁRIOS E AUTORES DA ESCOLA AUSTRIACA

Um dos primeiros da Escola Austríaca, o seminário oferecido por Böhm-Bawerk teve início na Universidade de Viena em 1905 (HÜLSMANN, 2007, p. 93). Segundo Mises “quando Böhm-Bawerk começou seu seminário, foi um grande dia para a história da Universidade e para o desenvolvimento da Economia” (2013, p. 27, tradução nossa).

O tema do primeiro encontro era uma problemática bastante cara à Escola Austríaca: os fundamentos da teoria do valor. E Böhm-Bawerk, um exímio crítico da teoria marxista, fora colocado frente a frente com o renomado marxista Otto Bauer. Foram confrontados o subjetivismo da teoria austríaca com a teoria do valor trabalho em debates que perduraram todo o semestre de inverno (MISES, 2013, p. 27).

Mises reconhece que Böhm-Bawerk não tinha por costume impor-se nos debates. Procurava agir como o presidente da sessão e interferir pontualmente nas discussões. As vantagens dessa metodologia, no entanto, confrontavam-se com certos efeitos colaterais. Para Mises, a liberdade de expressão concedida aos participantes não raro era alvo de excessos – particularmente por Otto Neurath, cujas inserções lhe pareciam absurdas e fanaticamente sustentadas (MISES, 2013, p. 28).

Ebenstein (2003, p. 28) coloca que sua liderança e brilhantismo não apenas eclipsavam o colega Wieser (abordado a seguir), mas o próprio Menger. Além de ser um habilidoso polemista, Böhm-Bawerk participava da condução da política econômica austríaca no posto de ministro de finanças. Seria responsável, inclusive, por treinar proeminentes figuras da academia e do serviço público (como Mises, Schumpeter, Bauer, Hilferding e Neurath) (EBENSTEIN, 2003, p. 28).

O período a que Hayek atribui o ápice da fama da Escola Austríaca- a saber, a década anterior à Primeira Guerra Mundial- era o mesmo em que Friedrich von Wieser (1851-1926), cunhado de Böhm-Bawerk, ofertava próprio seminário na Universidade Viena (CRAVER, 1986, p. 2). Homem bastante esclarecido, Wieser não demonstrava interesse em debater seus posicionamentos com quem os desafiasse, uma característica

---

<sup>5</sup> Mises, por exemplo, contratou Hayek como diretor do Instituto Austríaco de Pesquisas sobre o Ciclo Econômico. E este, por sua vez, contrataria Morgenstern como seu assistente (DEKKER, 2014, p. 40-41)

incomum dos professores universitários da época. Além disso, era reconhecido pela lentidão nas leituras e nas respostas (HÜLSMANN, 2007, p. 151).

Segundo Hülsmann (2007), as características pouco usuais de Wieser eram por vezes entendidas como qualidades. Schumpeter, por exemplo, admirava-se com o baixo envolvimento do professor em polêmicas. Hayek, por outro lado, questionava o distanciamento entre o trabalho do professor e dos desdobramentos científicos mais recentes. Além disso, observava que o interesse exclusivo deste em refinar aspectos da sua própria teoria o impediam de analisar sistematicamente os trabalhos alheios. Seus admiradores diziam que seu estilo era bem menos tedioso que o de Böhm-Bawerk. Wieser sabia estruturar seus argumentos sem descer a um nível muito abstrato ou técnico. Além disso, tinha habilidade com as palavras e cunhou termos utilizados até hoje como “utilidade marginal” (HÜLSMANN, 2007, p. 152)<sup>6</sup>.

Um aspecto ainda mais importante da influência de Wieser na formação dos jovens estudantes da Escola Austríaca tem a ver com sua posição dentro da Universidade. Ocupando o cargo que Carl Menger ocupara, do ano da sua saída, 1903, até 1920, coube a ele ministrar a maioria das disciplinas introdutórias do curso. Após a morte de Böhm-Bawerk em 1914, o equilíbrio que existia entre os dois fora desfeito, e Wieser tornou-se “uma autoridade inquestionável em todos os aspectos da teoria econômica geral” (HÜLSMANN, 2007, p. 160, tradução nossa).

Hülsmann coloca que, somadas as circunstâncias e as suas concepções particulares acerca da teoria econômica, Wieser redefiniria a temática da Escola Austríaca. Sob sua tutela, e a despeito da presença de Mises<sup>7</sup>, o projeto mengeriano foi preterido em prol de uma abordagem mais alinhada à síntese neoclássica. Como resultado dessa ação, pela primeira vez, uma geração inteira de economistas (a quarta) seria

---

<sup>6</sup> Mises era bem mais crítico, a despeito de reconhecer sua erudição. Em suas palavras, “[Wieser] enriched the thought in some respects, although he was no creative thinker and in general was more harmful than useful. He never really understood the gist of the idea of Subjectivism in the Austrian School of thought, which limitation caused him to make many unfortunate mistakes. His imputation theory is untenable. His ideas on value calculation justify the conclusion that he could not be called a member of the Austrian School, but rather was a member of the Lausanne School” (MISES, 2013, p. 24).

<sup>7</sup> “Third-generation Ludwig von Mises’s personal and intellectual influence on these men was limited. He had virtually no impact on their basic training – admitting them to his private seminar only after they had obtained their doctoral degrees. And they probably did not see in him anything more than a reputed expert on monetary theory and a highly controversial political economist. Mises was known for his treatises on the theory of money and on socialism, but none of his students and few of his colleagues grasped the far-reaching implications of these works.” (HÜLSMANN, 2007, p. 161).

formada em um plano que, sem grandes conhecimentos sobre a obra de Menger, que já não era impressa havia décadas, pouco se acercava dos valores originalmente defendidos pela Escola Austríaca (HÜLSMANN, 2007, p. 161). Dentre os principais implicados por essa conjuntura estão nomes como Fritz Machlup, Gottfried Haberler, Oskar Morgenstern, Friedrich Hayek e Rosenstein-Rodan.

Como já estabelecido, o departamento de economia da Universidade de Viena perderia gradativamente seu espaço para os seminários privados e institutos de pesquisa. Tal fato significava uma mudança institucional importante. A origem dessa crise podia ser relacionada ao afastamento de Menger (ocorrido em 1902), mas de acordo com Craver (1986), se aprofundaria com a morte inesperada de Böhm-Bawerk (1914) e as aposentadorias de Philippovich (ainda antes da Guerra) e Wieser (1922). Para a surpresa de muitos alunos, em detrimento dos nomes mais em evidência, como Schumpeter e Mises, o preenchimento dessas cadeiras foi feito por profissionais tidos como menos qualificados: Carl Grünberg (posteriormente substituído por Degenfeld), Othmar Spann e Hans Mayer (CRAVER, 1986, p. 2). O fato de Mises ser judeu, liberal e ter “aversão a tolos” é mencionado como suficiente para a sua não efetivação na Universidade (BOETTKE; COYNE; NEWMAN, 2016, p. 16).

A nomeação de Mayer para a substituição de seu mentor, Wieser, ocorrida em 1923, parece ter sido especialmente problemática. Indicado pelo próprio Wieser e autor de elogiados textos na temática do tempo, não tardaria a decepcionar os colegas. Descreve Craver (1986) que logo após a investidura, Mayer simplesmente não parecia mais capaz de colocar suas ideias no papel. Relatos da época incluem artigos abandonados na metade e publicações recheadas de inconsistências e erros de sintaxe (CRAVER, 1986, p. 8).

Fiel defensor das posições de Wieser, relata Rosenstein-Rodan, Mayer insistia que a teoria austríaca era “*value free*”. Assim, não podia estar alinhada com os valores liberais defendidos em 1922 por Mises, no seu livro sobre o socialismo. Além disso, entendia que o problema da imputação, ao qual dedicou os seminários que ofereceu ao longo da década de 1920, era central à teoria econômica e que Wieser propunha a melhor abordagem para a questão (CRAVER, 1986, p. 11).

Ainda de acordo com Craver, Rosenstein-Rodan, Morgenstern e Gerschenkron eram assistentes de Mayer - motivo pelo qual tinham presença obrigatória em seus seminários oferecidos na Universidade. Além deles, também se faziam presentes nomes

como Alexander Mahr, Leo Schönfeld-Illy e Ewald Schams. Não era raro que autores alemães interessados na temática também fossem convidados a participar. E assim fizeram Carl Landauer, Emil Lederer e Walter Vleugels (CRAVER, 1986, p. 11).

Rodan e Morgenstern eram provavelmente os maiores defensores das virtudes de Mayer. Ambos atribuem a ele, por exemplo, o mérito de oferecer ideias perspicazes com relação à problemática do papel do tempo na análise econômica. Por sua vez, Mayer também era grande entusiasta das ideias de Rosenstein-Rodan, como aquelas sobre o que ficou conhecido como o modelo da teia de aranha (ou *cobweb*). Tal entusiasmo, no entanto, fatalmente esbarraria em uma das grandes fragilidades da Escola Austríaca: a inaptidão matemática para formalizar suas teorias (CRAVER, 1986, p. 11).

Não era segredo que as formalizações matemáticas estavam fora do interesse de muitos economistas da Escola Austríaca. Inclusive, a literatura não negligencia o paradoxal interesse que Karl Menger (filho) tinha pela matemática, face ao desdém que seu pai tinha por esta (CARVALHO, 2007, p. 166). Mas, aparentemente, Mayer levava a questão a um nível mais extremo. Seu aluno Gerschenkron, relata (CRAVER, 1986) que a matemática em suas exposições era inexistente e que o quadro negro simplesmente não era utilizado. Alunos eram obrigados a participar das suas palestras, dada sua importância na Universidade, mas não se podia aprender nada com elas, nem sobre a economia, nem sobre o que acontecia fora da cidade de Viena. Karl Menger acrescenta que, certa feita, fora desencorajado por Mayer da intenção de publicar um artigo que apresentara à Associação Nacional de Economia sob o argumento de que era muito matemático (CRAVER, 1986, p. 12).

Para Klausinger,

he propagated a sort of “naturalist” approach in pursuit of a psychological basis for value theory, taking as a point of departure the existence of needs that are satisfied according to definite scales of intensity. This view rested uneasy with the idea of a generalized notion of utility that might be used for weighing and comparing the benefits to the consumer from the satisfaction of different needs of different intensities. In his most refined contribution Mayer (1932) formulated this tension as the opposition between (his) “causal-genetic” and (his adversaries’) “functional theories” (2015, p. 275).

De todo modo, Mayer garantiria a oportunidade de docência a vários alunos. Dentre os beneficiários dessa prerrogativa se destacam Haberler, Morgenstern e Hayek. Machlup, Braun, Rosenstein-Rodan e outros alunos judeus não teriam a mesma chance

(KLAUSINGER, 2015)<sup>8</sup>. Ainda segundo Klausinger (2015, p. 287), mesmo impedido de lecionar, Rosenstein-Rodan, assumiria (com Morgenstern) a editoria do *Zeitschrift für Nationalökonomie* em 1929. Na época o principal periódico germânico de economia (HAGEMANN, 2010).

Na mesma década de 1930, inclusive, Mayer já seria reconhecido como um fracasso – particularmente por questões pessoais. Seus alunos e colegas o descreveriam como uma figura neurótica, boêmia e estranha, além de bastante dada às intrigas e mentiras. Nos termos de Fritz Machlup: um “completo patife” (CRAVER, 1986, p. 12). Para piorar a situação, esses conceitos se somariam à repercussão da sua temerosa conduta quando da ocasião do *Anschluss*, em 1938. Segundo os relatos, semanas após a ocupação da Áustria pela Alemanha nazista, ele desfiliaria todos os judeus da Associação Nacional de Economia, da qual era presidente, em um ato que só poderia se explicar pela tentativa de manter seu cargo na Universidade após o decurso das iminentes mudanças políticas; HÜLSMANN, 2007, p. 729).

Ponto pacífico também era sua inveja. Esta, não apenas tinha como alvo as figuras de seu tempo, como Spann e Mises, mas também alcançou seus alunos Hayek, Haberler e Morgenstern, quando estes promoveram conjuntamente, entre 1930 e 1931, um seminário bastante popular. Até Rosenstein-Rodan, seu assistente e um de seus maiores admiradores, reconheceria que o ódio de Mayer por Spann atingia dimensões grotescas, flertando com a infantilidade e materializando-se em pequenas agressões físicas e ataques morais em sua ausência (CRAVER, 1986, p. 13).

Em algum momento os alunos chegaram à conclusão de que nenhum dos professores sêniores da Universidade estava apto a lhes oferecer a orientação adequada para o desempenho satisfatório da pesquisa acadêmica. Para a sua sorte, estavam na cidade de Viena, e aquele problema poderia ser facilmente resolvido. Os cafés da cidade os aguardavam, oferecendo não apenas as comodidades de uma sala-de-estar, mas também o acesso a uma rede intrincada de instituições informais que, devidamente articuladas, lhes viabilizaria o acesso a um grande “mercado de ideias” e espaços para o debate construtivo (CRAVER, 1986, p. 13).

---

<sup>8</sup> Segundo Klausinger (2015, p. 283) “Franz X. Weiss, whose application had still been supported by Wieser [...] in 1925 had become the last Jewish scientist to obtain a lectureship from the faculty”.

Por fim, dentre os círculos de debate mais importantes da época para as ciências econômicas, estava o coordenado por Ludwig *von* Mises (DEKKER, 2014, p. 35; CRAVER, 1986, p. 14). Iniciado em 1920, entre outubro e junho, um número de jovens se juntava em torno do professor semanalmente em seu escritório na Câmara de Comércio Austríaca, que comportava até vinte e cinco pessoas. Segundo Mises, os seminários privados que ofertava não tinham conexão direta, nem com a Universidade, nem com a Câmara. As atividades simplesmente eram realizadas naquele espaço, no qual ingressavam os alunos, e do qual os artigos saíam para a publicação (MISES, 2013, p. 67).

Ainda que um tema importante, a teoria econômica pura não abarcava todos os esforços ou interesses de pesquisa do grupo. Discussões em torno de Max Weber e a sociologia interpretativa (“*Verstehende Soziologie*”, no original), filosofia da ciência e metodologia também eram realizadas. Esta última inclusive era campo de destaque de Felix Kaufmann – integrante do *Wiener Kreise* (CRAVER, 1986, p. 14). No seminário privado de Mises é que seria desenvolvida a maior parte da crítica austríaca ao planejamento centralizado da economia, no que seria conhecido como o debate do cálculo socialista. Também seriam refinadas as ideias da teoria dos ciclos de negócios e das teorias sem torno do capital e da moeda. E, face à negligência da Universidade, também seria um dos últimos redutos no continente a discutir a análise marginalista (DEKKER, 2014, p. 35).

Considerando que Mises não tinha maiores ambições sobre uma cadeira de docente sênior na Universidade de Viena, pois a vaga, não sem estranhamentos, já fora oferecida ao menos prolífico Hans Mayer, restou-lhe focar seus esforços no seminário privado e oferecer aulas sem remuneração na Universidade (HÜLSMANN, 2007, p. 468). Faria isso até 1934, quando partiu para a Suíça. Consonante com a tradição dos *Kreise* vienenses, seu seminário também serviria para estreitar os vínculos entre alunos e professor, ao mesmo tempo que os punha em contato com uma rede maior de acadêmicos – inclusive aqueles que estavam em Viena só de passagem (MISES, 2013, p. 67).

A popularidade do seu seminário seria, conforme o próprio reconhece, alvo da inveja de Mayer e de seu colega Spann. Corroborados pelos relatos dos alunos, o docente menciona casos de discriminação, na Universidade, contra frequentadores de seus seminários - motivo pelo qual não fazia questão de registrar todos os presentes. Em alguns casos, estes eram proibidos de acessar a biblioteca caso não se registrassem nos

seminários de pelo menos um professor da universidade (MISES, 2013, p. 65). Isso não impediu, no entanto, que alunos como Hayek, Morgenstern, Haberler, Machlup, Karl Menger e Rosenstein-Rodan o frequentassem sem maiores problemas (DEKKER, 2014, p. 35).

Como os seminários eram realizados seguindo um modelo de questionamento socrático, nem sempre era possível aos alunos identificar ou atribuir ao professor algum tipo de característica ou inclinação política - como liberal, por exemplo. Embora isso não significasse um impedimento para manifestar suas ideias e posicionamentos com relação aos temas tratados, significava que não os impunha nas discussões (CRAVER, 1986). No seu conceito, os participantes dos debates se ajudavam muito mais pelas contradições do que pelas convergências, justamente porque estavam todos em sinergia com o propósito de desenvolver as ciências da ação humana (MISES, 2013, p. 67).

Na verdade, além de convidar seus alunos mais brilhantes da Universidade para participar dos seminários privados, era comum que Mises oferecesse espaço para profissionais e pesquisadores das outras áreas. Além de Kaufmann e seu colega filósofo Alfred Schutz, participaram os cientistas sociais Walter Fröhlich e Eric Voegelin, o advogado Emanuel Winternitz e o banqueiro Karl Schlesinger. Outros visitantes de destaque foram Howard Ellis, Albert Gaylord Hart, Lionel Robbins, Ragnar Nurkse, Alfred Stonier, Hugh Gaitskell e John van Sickle. Algumas alunas expoentes na área da economia a receber convites foram Helene Lieser, Martha Stephanie Braun, Marianna Herzfeld e Ilse Mintz (CRAVER, 1986, p. 15).

As já aludidas sobreposições que caracterizavam os círculos de debate vienenses<sup>9</sup> também eram visíveis no seminário de Mises. Uma grande afinidade se observava entre este e o Círculo da Mente (*Geistkreis*, no original) promovido por Friedrich Hayek e Herbert Führt. Com uma agenda mais cultural do que científica, tratava de ícones da literatura, história da arte e da música, filosofia histórica e política, dentre outros. A plateia, diferente do *Miseskreis*, não aceitava a participação de mulheres, mas contava com presença de alguns economistas como Machlup, Morgenstern e Haberler (CRAVER, 1986, p. 17).

É no mínimo sensata, à luz do exposto, a constatação de que a vida acadêmica em Viena se distinguia das suas contrapartes europeias e americanas. A singular estrutura do

---

<sup>9</sup> Didaticamente ilustradas por Timms (2009).

meio acadêmico e cultural local, informal e descentralizado, foi instrumental para definir a produção e disseminação dos conhecimentos que integrariam a formação dos alunos. Não apenas porque lhes influenciou a forma e o conteúdo, que de outra forma poderiam demasiado restritos à ciência econômica e ao espaço geográfico imediato, mas também porque lhes permitiu o distanciamento de estruturas hierárquicas e formais que nem sempre trabalhavam em seu benefício.

### 1.2.3 OS DESENVOLVIMENTOS DA ESCOLA AUSTRIACA NO ENTREGUERRAS

Dotada de significados, a expressão “Economia Austríaca”, particularmente no entre guerras, remete a temas bastante diversos, como capital e tempo, equilíbrio, ciclos de negócios e limitações do cálculo socialista (HAGEMANN, 2010, p. 191). E estes, debatidos tanto nas cadeiras da Universidade de Viena, quanto na atmosfera informal e descontraída dos círculos privados, eram centrais à corrente e seus integrantes. Assim que, se o entendimento da formação de Rosenstein-Rodan se beneficia do entendimento sobre a organização da atividade acadêmica naquele contexto, é igualmente provável que o entendimento desta última se beneficie da menção aos seus principais frutos. Aqui discorreremos sobre alguns desses.

#### 1.2.3.1 TEORIA MONETÁRIA

A teoria monetária é um tema importante para a Escola Austríaca desde os primeiros escritos de Menger sobre o tema, em 1892 (HAGEMANN, 2010, p. 183). Prova disso é o fato de que a palestra inaugural feita por Wieser por ocasião do seu ingresso na Universidade de Viena, em 1903, tinha como título “O Valor do Dinheiro e Suas Mudanças Históricas” (“*Der Geldwert und seine geschichtlichen Veränderungen*”), e fora provavelmente uma das primeiras tentativas de conciliação desta com a teoria austríaca de valor (HÜLSMANN, 2007, p. 225). Hayek e Mises, dois dos membros mais expoentes da corrente, escreveriam posteriormente sobre o assunto tendo a hiperinflação por pano de fundo.

Mises publicaria alguns ensaios descrevendo a natureza do processo inflacionário e refutando a teoria de juros baseada no balanço de pagamentos (MISES, 2013). Sua teoria sobre o valor do dinheiro divergia da wieseriana nos pontos em que integrava o

chamado teorema da regressão<sup>10</sup> com os processos de precificação no livre mercado, e que entendia o dinheiro como uma *commodity* em si próprio, em oposição a uma mera ocorrência histórica (HÜLSMANN, 2007, p. 237).

Hayek, por sua vez, colaboraria com trabalhos pioneiros relacionando a teoria monetária com as flutuações econômicas. Assim como em Mises, é possível identificar em seus textos a responsabilização do setor financeiro pela expansão creditícia descontrolada e pelos danos que esta causa à estabilidade econômica (HAGEMANN, 2010, p. 183). Hayek entendia que o conceito de equilíbrio da época precisava ser revisto para viabilizar a integração entre a teoria pura e a monetária. Sua nova versão precisaria incorporar preços relativos inconstantes, mais ou menos na forma da sua ideia de equilíbrio intertemporal (SOROMENHO, 2012, p. 222). Autoexplicativa é a condecoração que seus trabalhos no tema lhe renderiam. Juntamente com Gunnar Myrdal, recebeu o Prêmio de Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel, no ano de 1974.

#### 1.2.3.2 TEORIA DOS CICLOS DE NEGÓCIOS

Com relação à teoria dos ciclos de negócios, Hagemann (2010, p. 184) diz que, no entre guerras, foram feitas pela Escola Austríaca as mais admiráveis contribuições. Além de Mises e Hayek, trabalhos como o de G. Haberler (*“Prosperity and Depression”*, de 1937) e de J. Schumpeter (*“The Theory of Economic Development”*, de 1926) são dignos de menção. Ainda que, segundo Mises (2013, p. 25), este último não pudesse ser considerado um economista austríaco porque considerava que a economia era uma teoria de “quantidades econômicas” e não uma teoria de ação humana.

Austríaco ou não, Schumpeter teve o mérito de combinar conceitos como inovação, empreendedorismo e crédito em uma nova teoria que inovava ao colocar a ênfase nas dinâmicas próprias do processo capitalista, em oposição à análise de modelos estáticos. Além disso, teria uma diferença substancial com relação a Mises e Hayek no tocante ao papel do crédito. Enquanto que estes últimos consideravam as baixas taxas de juros e as facilidades de crédito um mal para a estabilidade monetária, o primeiro tinha o crédito como elemento fundamental para o fomento da inovação e dos investimentos produtivos (HAGEMANN, 2010, p. 186).

---

<sup>10</sup> O que se convencionou chamar “Teorema da Regressão” refere-se ao processo pelo qual um determinado bem passa a ser valorizado em função de sua viabilidade como intermediário de troca em detrimento de seus valores de uso.

### 1.2.3.3 DEBATE DO CÁLCULO ECONÔMICO SOCIALISTA

Sobre o cálculo econômico socialista, provavelmente a obra de Ludwig *von* Mises é digna da maior ênfase. Foi ele a desenvolver o argumento de que a carência de um livre-mercado afetava o processo de formação de preços e o cálculo econômico por impedir a circulação de dados necessários ao planejamento eficiente (HAGEMANN, 2010, p. 187). No seu entendimento, não era possível que a ação econômica, normalmente baseada no preferir e no preterir, isto é, em avaliações desiguais, se desse por meio de avaliações iguais e, conseqüentemente, pelo uso de equações (MISES, 2013, p. 77). Assim, se nos seus seminários privados nem sempre era possível identificar suas visões políticas, este não era mais o caso em seus textos, intrinsecamente conectados às suas visões políticas liberais (LEONARD, 2010, p. 91).

Leonard oferece uma perspectiva mais simples sobre as ideias de Mises sobre o planejamento. Segundo o autor “ele [Mises] dizia que a troca era central para a determinação do valor, e dependia da propriedade privada dos bens e da liberdade de realização de tais trocas” (2010, p. 90, tradução nossa). Portanto, a propriedade coletiva ou social impedia a correta avaliação dos bens de produção porque os retirava do “nexo de troca”. Isto é, uma vez que não fossem mais utilizados como sinais de valor social os preços em dinheiro, se dificultava a tarefa de alocação dos fatores escassos nos melhores usos e o cálculo econômico seria feito “no escuro”.

A publicação da segunda edição do livro “Socialismo” (“*Gemeinwirtschaft*”), de 1932, foi um êxito para Mises, inclusive financeiro. A obra, ainda que percebida como utópica, foi reconhecida à época como um dos trabalhos antissocialistas mais significativos na área de economia (HÜLSMANN, 2007, p. 655) e também era a consolidação de ideias que já vinha desenvolvendo desde o primeiro ensaio sobre o tema – “O Cálculo Econômico na Nação Socialista” (“*Die Wirtschaftsrechnung im sozialistischen Gemeinwesen*”). E, o motivo pelo qual alguém poderia se interessar em um trabalho “antissocialista” também não é mistério: a intensidade dos debates se escalava desde a revolução bolchevique, de 1917 e a proliferação de comitês socialistas, tanto na Áustria, quanto na Alemanha (HAGEMANN, 2010, p. 187).

Graças à contribuição de Mises, o debate do socialismo não mais se restringiu às problemáticas tradicionais dos incentivos ao trabalho em uma economia sem meritocracia. A ideia de que o plano econômico estava sob constante mudança e que os dados necessários para um planejamento eficaz jamais conseguiriam ser reunidos pela

autoridade econômica era, provavelmente, um argumento muito mais consistente. Posteriormente, essas ideias seriam complementadas por Hayek, que levantaria os argumentos da incerteza e informação limitada nos processos de tomada de decisão (HAGEMANN, 2010, p. 188).

O sucesso de Mises nessa empreitada, no entanto, não pode ser exclusivamente creditado a ele. Como bem aponta Vaughn, o tópico da economia socialista nunca fora estranho à Escola Austríaca. Excelente aluno de Böhm-Bawerk - que, por sua vez, já havia colaborado com Menger na crítica marxista “*The Positive Theory of Capital*” (ou “A Teoria Positiva do Capital”) - Mises tratou de se amparar nas ideias mengerianas e proceder com a aplicação das suas teorias de valor à teoria monetária (VAUGHN, 1994, p. 39).

#### 1.2.3.4 TEORIA DO CAPITAL E O PAPEL DO TEMPO NA ECONOMIA

Na década de 1930, a controvérsia entre Hayek e Knight era bastante representativa do que se entendia como o debate em torno do capital. E os autores tinham concepções fundamentalmente diferentes sobre o assunto. Knight tinha uma visão de capital que remontava a um montante maleável, homogêneo e permanente de valor. Hayek, por outro lado, o entendia como um conjunto de bens heterogêneos que, embora aplicáveis a múltiplos usos, ainda estariam constrictos a limitações de escopo e mobilidade (COHEN, 2003, p. 470).

Soromenho argumenta que a teoria austríaca do capital serviu como base para que Mises e Hayek estruturassem suas teorias de ciclos econômicos. Nas suas palavras,

os principais elementos constituintes dessa visão [de que a teoria do capital é relevante para a teoria dos ciclos] são a importância da heterogeneidade do capital, a ênfase nos aspectos estruturais do equipamento produtivo da sociedade capitalista e a necessidade de sua constante reprodução (SOROMENHO, 1998, p. 518).

Para Hagemann, também merecem destaque nessa temática os trabalhos desenvolvidos por Oskar Morgenstern. Suas ideias sobre o período médio de produção (“*Zur Theorie der Produktionsperiode*”, de 1935) seriam aproveitadas por Hayek a partir de 1934, no seu trabalho *Pure Theory of Capital* (publicado em 1941). Rosenstein-Rodan também rendeu alguns frutos, materializados principalmente no seu artigo de 1930, “*The role of time in economic theory*” (HAGEMANN, 2010).

### 1.2.3.5 TEORIA DO COMÉRCIO INTERNACIONAL

Com relação às teorias do comércio internacional, um ponto importante da contribuição austríaca foi a reformulação da teoria ricardiana dos custos comparativos, tarefa na qual destacou-se Gottfried Haberler. Seu principal trabalho no assunto foi “*Die Theorie der komparativen Kosten und ihre Auswertung für die Begründung des Freihandels*” (ou “A teoria dos custos comparativos e sua avaliação para o estabelecimento do livre comércio”), terminado em 1930. Considerando que foi responsável por abrir o caminho para trabalhos de grande magnitude, como os de Ohlin e Samuelson (HAGEMANN, 2010, p. 189), pode-se dizer que Haberler foi fundamental para a formulação da moderna teoria do comércio internacional (BALDWIN, 1982, p. 141).

### 1.2.3.6 TEORIA DOS JOGOS

As colaborações entre Oskar Morgenstern e John von Neumann ao longo dos anos trinta culminariam na publicação de “*Theory of Games and Economic Behavior*” em 1944. A ideia de que agentes econômicos podem cooperar, competir ou confrontarem-se no âmbito das suas decisões individuais já estaria presente na tese de habilitação de Morgenstern em 1928. Naquele mesmo ano, von Neumann publicara “*Zur Theorie der Gesellschaftsspiele*” (“Teoria dos jogos de estratégia”), tratando da mesma problemática (HAGEMANN, 2010, p. 190).

Os autores já tinham um interesse mútuo desde 1936, ocasião em que von Neumann apresentou um artigo no assunto para o Círculo de Viena (*Wiener Kreis*). No entanto, Morgenstern, que era membro do grupo há muito tempo, não estava presente. O pareamento dos autores só aconteceria na Universidade de Princeton, e a parceria duraria até 1943 (HAGEMANN, 2010, p. 190).

Anos antes, ainda em Viena, sob a supervisão de Böhm-Bawerk, Karl Schlesinger escreveria sua dissertação. Este autor colaboraria na introdução dos temas de economia aos matemáticos presentes no colóquio de Karl Menger. Além disso, produziria um famoso trabalho, em 1935, no qual apresentaria a hipótese de lentidão e desigualdades para o sistema de Walras-Cassel. Também seria reconhecido por viabilizar os desdobramentos posteriores, por Abraham Wald, na solução do problema de equilíbrio (DER WISSENSCHAFTEN, 2020).

Particularmente interessante, para Hagemann, é observar o paradoxal destino da teoria dos jogos e do equilíbrio geral. Originalmente tratadas com grande ênfase pelos economistas austríacos, cuja aversão aos métodos matemáticos era notória, viria a ser dominada por estes últimos nas décadas seguintes, e assim permaneceria (2010, p. 191).

### 1.3 ROSENSTEIN-RODAN

Antes de se tornar um dos pioneiros da disciplina de economia do desenvolvimento, que só nasceria no cenário pós-Segunda Guerra, Rosenstein-Rodan daria seus primeiros passos em matéria de publicação acadêmica ao discorrer sobre a utilidade marginal de uma perspectiva “altamente teórica” (ALACEVICH, 2020, p.2). Conforme Hosseini

During his early years, he had no interest in economic policy, and did not work in applied economics. His writing career began in Vienna during the 1920s when he wrote as a pure theorist, working on marginal utility theory, the role of time in economic theory, and monetary theory. He was also interested in the history of economic thought (1999, p. 119).

Em uma carta ao amigo (e então consultor econômico da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD)) Dragoslav Avramovic, transcrita por esse último na ocasião da publicação de *Pioneers of Development* por Meier e Seers (1984, p. 223), Rosenstein-Rodan tece algumas considerações interessantes. Diz que, na Viena dos anos 1920, seu interesse compreendia as temáticas ligadas à teoria da escolha, à teoria da utilidade e demais questões características ao repertório austríaco da época. Assim como Menger, Böhm-Bawerk, Mayer e outros precursores seus, entendia a economia aplicada como uma área sem maiores valores.

Sua concepção mudaria a partir de 1929, já na Itália, e posteriormente em Londres. Nesses países, seu interesse se enviesaria na direção da aplicação da ciência econômica na esfera das políticas públicas. Sobre o período que antecedeu essa guinada de interesses, o autor escreve

In the Vienna days I published the main article on marginal utility in 1927 (an Italian translation in 1930 and a translation of a part of it by Stolper in English), but it is not worth referring to; these are past days. The same applies to one article on complementarity in Italian, which is quoted by J. R. Hicks as having stimulated him in his theory, but is also antediluvian. More important is an early version in 1929, No. 1 of *Zeitschrift für Nationalökonomie* on "The Role of Time in Economic Theory", which had its second and considerably modified appearance in *Economica* in 1934. That one influenced somewhat my interest in development theory later on (MEIER; SEERS, 1984, p. 223).

A presente seção, além de tecer considerações sobre os interesses que guiaram seu trabalho no período, trata das produções textuais pelas quais foi creditado. Além disso, são observadas algumas repercussões que suas ideias teriam nos desenvolvimentos teóricos que realizaria depois de 1943, já na disciplina de desenvolvimento econômico.

### 1.3.1 OS TRABALHOS DE ROSENSTEIN-RODAN

Seu primeiro trabalho, publicado em 1927 no *Handwörterbuch der Staatswissenschaften*, teve por título *Grenznutzen*, ou “Utilidade Marginal”. Preocupado com temáticas atemporais, pouco se relacionava com o planejamento econômico e com os trabalhos que desenvolveria anos mais tarde (CHAKRAVARTY, 1983, p. 73). Foi traduzido para o inglês nos anos 60 por Wolfgang Stolper. No entanto, antes disso já havia sido traduzido para o japonês (1930) e para o italiano (1937) (HOSSEINI, 1999, p. 119). Nas palavras de Schumpeter, constituía “uma pesquisa compacta e brilhante dos argumentos e contra-argumentos relativos à teoria da utilidade da escola austríaca” (SCHUMPETER, 1954, p. 1056, tradução nossa). Para Mark Blaug, o texto provê uma noção extraordinária sobre a doutrina utilitarista nos anos da Primeira Guerra, “proliferando-se em distinções sutis e classificações metafísicas” (1985, p. 368, tradução nossa).

Talvez um dos mais revolucionários conceitos no campo das ciências econômicas, a utilidade marginal foi desenvolvida simultânea e independentemente por pelo menos três pensadores - Walras, Jevons e Carl Menger (BLAUG, 1985, p. 294). Teria um lugar especial em meio à Escola Austríaca por conta da conexão com este último, seu fundador. Ainda assim, existem diferenciais importantes da versão austríaca, que embora não digam respeito ao conceito em si, tocam alguns tratamentos que a ideia recebe: a função utilidade, na versão austríaca, não é constante; assim como não é constante a taxa de diminuição da utilidade marginal (HIGH, 1998, p. 87).

Ainda que brilhante, o trabalho de Rosenstein tratava de um tema polêmico. O desdém que os historicistas tinham pela utilidade marginal é explicado pela associação que estes insistiam em fazer desta com o hedonismo (SCHUMPETER, 1954, p. 1056). Blaug (1985, p. 302) também alude ao argumento de que a teoria marginalista seria uma resposta burguesa à teoria marxista. Nesse ponto, contra argumenta que, não apenas Jevons escreveria seu primeiro texto antes da publicação de *O Capital* (1862 e 1867, respectivamente), como também Böhm-Bawerk, Wieser e outros autores utilizariam

novos argumentos teóricos para desqualificar a doutrina marxista quando entraram em contato com a obra, anos mais tarde.

Sobre a problemática relação entre a teoria utilitarista e a filosofia utilitarista Schumpeter não é ignorante ou cético. O que faz, no entanto, é rechaçar a associação entre a teoria da utilidade marginal e premissas utilitaristas ou hedonistas. A responsabilidade por tal confusão, na visão do autor, é atribuível aos seus principais expoentes, por serem utilitaristas convictos. Como se vê

Gossen was, and Jevons, and Edgeworth. They, and others too, had used language that was apt to **create the impression** that marginal utility theory depended upon utilitarian or hedonist premises [...] and could be attacked successfully by attacking these. Jevons was the chief culprit: he even went so far as to call economic theory a "calculus of pleasure and pain" [...] and elicited from Marshall the rebuke that he was mixing up economics with "hedonics" (SCHUMPETER, 1954, p. 1056, grifo nosso).

À parte as dificuldades de aceitação, não se discute que o texto de Rosenstein-Rodan lidava com uma teoria fundamental para a Escola Austríaca. Principalmente por conta da maior aproximação com a problemática do cálculo econômico. Este último, como bem coloca Leen (1992, p. 1), era negligenciado pelos pioneiros suíços e ingleses do marginalismo – cujas teorias eram caracterizadas pelo molde matemático –, e encontraria em Viena pesquisadores mais interessados em estudá-lo.

Não obstante, em vez de encerrar o problema do cálculo econômico, a abordagem marginalista aparentemente traz mais uma dificuldade: a abreviação desse cálculo. Afinal, não é tão simples conciliar incontáveis comparações individuais em uma única alocação de bens que seja a mais satisfatória. Depois, tirar as comparações do processo também não é viável porque elas são centrais na determinação e atribuição dos valores para os diferentes bens. Assim que, quando o valor deixa de ser uma grandeza fixa e exógena para ser estabelecido pelo próprio indivíduo, a metodologia do seu cálculo passa a ser desconhecida. Ainda, um agravamento posterior ocorre quando das mudanças na natureza do próprio conceito da utilidade (de cardinal para ordinal) que acabam por lhe impor um caráter mais qualitativo do que quantitativo, inviabilizando alguns outros raciocínios (LEEN, 1992, p. 2).

Considerando que o *Handwörterbuch* consistia uma espécie de dicionário em economia, o conciso artigo de Rosenstein-Rodan se limitava à sistematização das condições necessárias para viabilizar a referida abreviação no cálculo econômico. Segundo o autor, boa parte das necessidades individuais é constante no tempo. O

equilíbrio inicial é originalmente alcançado por tentativa e erro. E, uma vez em equilíbrio, as utilidades marginais proporcionadas pelos bens servem como referencial (ou atalho) para que diferentes tipos de consumo sejam comparados com base em seu impacto incremental, de modo que o cálculo econômico possa ocorrer eficientemente no mundo real (LEEN, 1992, p. 3).

Por esse conceito, a função central da utilidade marginal seria abreviar o cálculo econômico. A análise dos efeitos adicionais de determinado consumo, dispensaria uma revisão completa do plano econômico na ocasião de uma mudança. Esse conceito é consistente com a ideia de Böhm-Bawerk, que argumentava os cálculos econômicos são realizados pelos indivíduos com grande facilidade (LEEN, 1992, p. 2-4).

Sua publicação seguinte viria no ano de 1929. Teria por título “*Das Zeitmoment in der Mathematischen Theorie des Wirtschaftlichen Gleichgewichtes*”, (ou “O momento no tempo na teoria matemática do equilíbrio econômico”) no *Zeitschrift für Nationalökonomie*. No texto, o autor aborda o problema do ajustamento retardatário ao equilíbrio, e as oscilações de preço que provocava em certos mercados. Esta discussão, também conduzida por autores como Arthur Hanau, Henry Schultz, Jan Tinbergen, e Umberto Ricci, culminaria na teoria que, futuramente, seria nomeada por Nicholas Kaldor como “teoria de *cobweb*” (MUDAHAR, 1973, p. 31).

Designada primeiramente para explicar o comportamento cíclico, a teoria é baseada na suposição de que a demanda de um determinado período determina o preço ao longo deste, e este preço, por sua vez, determinará a oferta do período seguinte. Por consequência desse descompasso, se estabeleceria uma defasagem de preço do lado da demanda. E, por conseguinte, haveria uma limitação à capacidade de previsão dos preços futuros por parte dos ofertantes (MUDAHAR, 1973, p. 32).

A temática da defasagem de ajuste, bem como das oscilações não convergentes ao equilíbrio por ela geradas, não estaria conscrita à esfera de interesse de Rosenstein-Rodan. Como coloca Chakravarty (1983, p. 74), o teorema de *cobweb* ainda figuraria em textos de Wassily Leontief (1934), Paul Samuelson e Lange, além de Arrow e Horwicz. O mesmo autor também chama a atenção para a importância da temática do tempo como elo de ligação entre as obras de Rosenstein-Rodan na juventude e as que produziria no pós-guerra.

Em 1933, Rosenstein-Rodan publicou o artigo “*La Complementarietà: Prima delle tre tappe del progresso della teoria economica pura*”, na revista *La Riforma Sociale*. Em sua primeira publicação em italiano, o autor discorre sobre a complementariedade das utilidades, matéria um tanto negligenciada pelas primeiras análises marginalistas. A principal implicação desta seria a modificação do plano econômico do agente-que passaria a atingir o equilíbrio de tempo em tempo. Esta obra é reconhecida por John Hicks como uma influência positiva em sua própria teoria da complementariedade (HOSSEINI, 1999).

Em 1934, Rosenstein-Rodan continuaria desenvolvendo suas ideias sobre tempo e equilíbrio (ALACEVICH, 2020). Ainda sob influência do debate entre Simon Kuznets e Ralph W. Souter, no *Quarterly Journal of Economics*, sobre a relação da teoria dos ciclos de negócios com a teoria econômica, o autor publicou *The Role of Time in Economic Theory*, na *Economica*. Este também contaria com uma versão em italiano no *La Riforma Sociale*. No texto, o autor contempla a possibilidade de que as reações provocadas pelas interações entre as forças da demanda, do preço e da oferta não necessariamente levem a um equilíbrio, dado que teriam que realizar seus efeitos instantânea e simultaneamente (ROSENSTEIN-RODAN, 1934, p. 90).

No seu entendimento, o foco do estudo nas análises do equilíbrio de longo prazo deveria ser o caminho percorrido até a posição final, e não apenas ela própria. O estudo da trajetória rumo ao equilíbrio, nesse sentido, implicaria o reconhecimento da importância do tempo na viabilização desses ajustes. Para ilustrar seu argumento, o autor compara a economia e o equilíbrio a um predador e uma presa, respectivamente. Nesse contexto, o predador (economia) precisaria reajustar sua rota para cada movimento feito pela presa (equilíbrio) (SILVA, 2005, p. 8).

No texto *A Coordination of the Theories of Money and Price*, publicado na *Economica* em 1936, o autor trata da morosa e difícil evolução que a ciência econômica vivenciava no sentido da integração das abordagens monetária e não-monetária. Um legado da escola clássica, Rodan dizia, a prática da diferenciação tinha de ser abandonada em prol de uma outra na qual a coordenação da teoria dos preços e da teoria do dinheiro era possível dentro de um sistema coerente. O intento do artigo era justamente ilustrar como esse processo estava acontecendo na literatura da época. Seu argumento é o de que uma teoria do equilíbrio dinâmico seria capaz de alcançar tal feito (ROSENSTEIN-RODAN, 1936).

### 1.3.2 A POSSÍVEL QUEBRA ESTRUTURAL NOS TRABALHOS DE ROSENSTEIN-RODAN NO PÓS-GUERRA

Consistentes com o que se discutia na Escola Austríaca do entre guerras, os textos de Rosenstein-Rodan também se centravam na teoria econômica pura, papel do tempo, moeda, preços e utilidade marginal. Isso não significa, contudo, que estariam desconectados dos seus trabalhos futuros na disciplina de desenvolvimento econômico. Em uma reveladora troca de cartas, publicada em 1984 (MEIER; SEERS, p. 223), o autor reconheceria a importância que alguns conceitos discutidos em Viena teriam para o andamento de seus trabalhos em Londres e nos EUA. A essa discussão nos atemos brevemente aqui.

Dragoslav Avramovic relata, em comentário feito em 1984, ter pressionado o professor Rosenstein-Rodan a lhe esclarecer uma suspeita. Esta diria respeito à possibilidade de que alguns dos desenvolvimentos teóricos fundamentais para a sustentação do argumento que apresentaria em seu famoso artigo de 1943 já estivessem dentro dos seus interesses de pesquisa há muitos anos. Isto seria dizer, em seus “dias em Viena”, e em meio à Escola Austríaca (MEIER; SEERS, 1984, p. 223).

Como resposta, Rosenstein-Rodan lhe confirmaria que, de fato, os primeiros trabalhos de microeconomia tinham relevância para teóricos do desenvolvimento econômico. Particularmente por conta da grande preocupação da Escola Austríaca com o caminho na direção do equilíbrio. Em oposição a uma preocupação restrita às condições de estabilidade necessárias para que determinado ponto possa ser considerado um ponto de equilíbrio (MEIER; SEERS, 1984, p. 223).

O que fundamentava a referida suspeita, segundo Avramovic, eram três pontos que, facilmente identificáveis no artigo de 1943, poderiam, sob um olhar mais atento, ser também discernidos no pequeno texto de 1927. Estes seriam a **complementaridade**; a **estrutura hierárquica dos desejos**; e a **escolha de um período econômico** em que recursos escassos são alocados (MEIER; SEERS, 1984, p. 223).

A despeito da dificuldade de acesso do primeiro<sup>11</sup>, é possível oferecer uma recapitulação da forma como tais conceitos aparecem em 1943. Complementaridade, o

---

<sup>11</sup> Publicado em alemão no ano de 1927, o texto aparentemente não se encontra disponível no Google Acadêmico. Uma versão mais antiga do *Handwörterbuch* conta com um verbete sobre utilidade marginal (ou ‘*Grenznutzen*’) de autoria de F. von Wieser.

primeiro dos três conceitos, corresponderia aos ganhos de aproveitamento que um investimento teria caso fosse realizado em conjunto com outros. Seria **uma forma de lidar com "a racional básica do planejamento bem como suas [de Rosenstein-Rodan] elaborações posteriores na doutrina do 'big push'" (CHAKRAVARTY, 1983, p. 73, tradução nossa).**

A famigerada fábrica de sapatos, por exemplo, teria grades dificuldades de prosperar se fosse instalada em um contexto carente de outros investimentos. Talvez lhe faltasse um curtume nas proximidades, ou um fornecedor de cadarços, ou mesmo uma indústria de outro setor com a qual pudesse minimamente compartilhar os custos de manutenção da infraestrutura pública ao seu redor.

Com relação à hierarquia de desejos, no texto de 1943, Rosenstein-Rodan argumentava que os empregados da fábrica, uma vez de posse de seus salários, demandariam bens de consumo que só estariam disponíveis caso alguém os produzisse. E, para isso, seria necessário que outras indústrias se instalassem no mesmo local. Assim, enquanto os trabalhadores da fábrica servissem de mercado consumidor para os produtos das demais, os trabalhadores das demais consumiriam os calçados da primeira. Por fim, suas considerações sobre o período econômico – ou as dinâmicas dos desejos e suas interrelações – seriam instrumentais para justificar a mobilização maciça e simultânea de grande quantidade de capital e seus impactos no atingimento do equilíbrio e da estabilidade dos mercados.

Respaldo para essa colocação é encontrado nas palavras de Rosenstein-Rodan, no artigo “*Natura Facit Saltum*”. Nele, o autor reconhece que seu interesse na análise do desenvolvimento teria raízes no momento em que se interessou pelos temas da complementaridade, da estrutura hierárquica dos desejos e do papel do tempo na economia. Ainda

[t]he dynamics of wants and their interrelatedness were much more important to me than the neoclassical attempt at precise characterization of the properties of the utility function. Consumption complementarities, the role of time, the pursuit curve (the dynamic path toward equilibrium), plus external economies—all these dynamic factors were not to be considered as a second order of smalls, but even more as pervasive in a less developed country (MEIER; SEERS, 1984, p. 223).

Uma consideração parecida seria feita por Alacevich (2020, p. 5), particularmente a respeito dos trabalhos de 1933 e 1934. Também para o autor é apropriada a colocação de que estes seriam importantes intermediários no seu percurso da escola austríaca para

a economia do desenvolvimento. Isso porque, mesmo centrados na utilidade e no equilíbrio, os dois artigos não perdem de vista os processos de ajustamento e as dinâmicas próprias do comportamento individual. Assim, já são identificáveis alguns aspectos importantes de análise de coordenação econômica que mais tarde apareceriam em seus textos na matéria de desenvolvimento econômico.

#### **1.4 EMIGRAÇÃO**

Desde meados do século XIX, com a revisão de políticas restritivas à migração e à capacidade civil de algumas minorias, Viena tornou-se uma cidade em que judeus do leste europeu puderam encontrar um terreno fértil para fincar suas raízes. A cidade era símbolo não só da sua adesão à cultura alemã, mas também de sua capacidade de engajamento em atividades ligadas à vanguarda cultural (ROZENBLIT, 1984, p. 1). Segundo Ebenstein (2003, p. 27) a beleza e a musicalidade do lugar se somavam às suas recém conquistadas liberdades de expressão e docência, tornando-a um lugar incrível para se viver.

Ainda que outras grandes metrópoles europeias também fossem promissoras a jovens oriundos das províncias, a cidade no Danúbio atraía judeus que, pela primeira vez, tinham a possibilidade de se integrar a um ambiente moderno e cosmopolita. Isso se dava particularmente por intermédio de atividades como o comércio, a imprensa, literatura, teatro, música e as ciências. Com melhor acesso a escolas e outras infraestruturas, essas famílias constituiriam a essência de uma nova sociedade, muito mais progressista e liberal do que aquela que deixaram para trás em seus vilarejos conservadores (HÜLSMANN, 2007, p. 28-30).

Com o advento da Guerra, já no século XX, essa realidade mudaria. A decadência dos Habsburgo significaria para a cidade a perda do posto de capital imperial. E, a partir daí, passaria a comandar uma pequena república empobrecida e marcada por problemas como fome, doenças (houve um surto de tuberculose na cidade à época), inflação e tensões crescentes entre a população rural e a urbana (LEONARD, 1998, p. 6). A lamentável conjuntura e seus agravamentos posteriores surtiriam efeitos sobre a comunidade acadêmica e a produção científica como um todo. Longe de se limitar às ciências econômicas, ou à Universidade de Viena, daria início a um processo intenso de emigração que atingiria cientistas e intelectuais. O principal objetivo desta seção é discutir brevemente o assunto e tratar da experiência de Rosenstein-Rodan dentro deste contexto.

#### 1.4.1 A DETERIORAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE VIDA DOS JUDEUS EM VIENA

No final do século XIX, movimentos populistas, histéricos e não raro violentos tomavam corpo à medida em que se intensificavam os sentimentos racistas, nacionalistas e classistas no seio da sociedade austríaca (ROZENBLIT, 1984, p. 1). Retórica antissemita era direcionada a líderes do movimento socialdemocrata ao passo que gangues nazistas atacavam comércios e clubes judeus (LEONARD, 1998, p. 17). Transbordamentos dessa ideologia seriam vistos inclusive na prática da medicina: as teorias vienenses no campo da eugenia facilmente renderiam um capítulo à parte no plano geral dos desenvolvimentos científicos da época. Sem maiores obstáculos, desvios grosseiros de interpretação dos valores da família e da moralidade encontrariam ouvidos simpáticos, particularmente na Igreja Católica (WEINDLING, 2009). Não à toa, seria esse o lugar em que um jovem Adolf Hitler adquiriria algumas de suas mais reconhecidas concepções políticas.

Nem bem a Primeira Guerra iniciara, e os judeus do Império Austro-húngaro já sofriam as suas consequências. O ataque russo à Galícia<sup>12</sup>, em 1914, levou milhares destes a buscarem refúgio em Viena, colaborando em muito para a deterioração do clima de receptividade que antes vigorava na cidade. Muitos praticariam a mendicância e outras atividades degradantes. Rozenblit aponta que, forçada à fuga, essa nova leva de imigrantes teria muito pouco a ver com aquela que, cheia de ambições, se instalara na cidade ao longo das décadas anteriores (1984, p. 11). Particularmente por se tratar de uma comunidade mais conservadora, religiosa e consciente de sua identidade (p. 44).

Na academia, provavelmente nenhum outro caso seria tão representativo da ascensão do antissemitismo e sua crescente aceitação pela sociedade quanto o emblemático assassinato de Moritz Schlick por Hans Nelböck em 22 de junho de 1936. Com um histórico de doenças mentais e prévios assédios morais ao professor, na manhã daquele dia, em uma escadaria da universidade, o ex-aluno de 33 anos sacou um revólver do bolso e efetuou quatro disparos na direção de Schlick, matando-o no ato (MADERTHANER; SILVERMAN, 2009, p. 59). Seu julgamento se daria quase um ano depois. E ainda mais chocantes do que o crime seriam seus argumentos de defesa.

---

<sup>12</sup> Região em torno da moderna cidade ucraniana de Lviv. Ocupava territórios que hoje pertencem à Polônia e à Ucrânia. À época dos acontecimentos, fazia parte do Império Austro-húngaro sob o nome de Reino de Galícia e Lodomeria (*Königreich Galizien und Lodomerien*). Além do nome, não tem maior relação com a comunidade autônoma da Espanha.

De acordo com Nelböck, a rejeição de Schlick à metafísica e sua crítica ao conhecimento transcendental entravam em conflito com seu “embasamento moral e coerência existencial”. Além disso, o réu aludia a uma suposta rivalidade estabelecida entre os dois por conta dos seus sentimentos com relação a Sylvia Borowicka, uma aluna do *Kreis*. Em uma atitude provavelmente oportunista, dois anos mais tarde, Nelböck pediria um indulto sob o argumento de que matara o professor por acreditar que era judeu (MADERTHANER; SILVERMAN, 2009, p. 59).

Em meio ao furor do *Anschluss*, não apenas o pedido seria julgado procedente, e o réu liberado oito anos antes do prazo da pena, como seu caso também seria utilizado pelos nazistas para ajudar a cristalizar na sociedade as visões antissemitas que lhes interessava disseminar. Um aspecto interessante da história é que professor não era judeu, e sim protestante, como a maioria dos alemães da época. Isso parece não ter feito muita diferença para a opinião pública naquele momento.

#### 1.4.2 A EMIGRAÇÃO DOS ECONOMISTAS AUSTRIACOS

Ainda que pesquisadores da Escola Austríaca, no geral, não tenham tido destinos parecidos com o de Moritz Schlick, sua trajetória emigratória não estaria livre de tragédias. Inauguradas na Alemanha em 1933, com a aquisição de poderes ditatoriais por Hitler, as práticas de expulsão e perseguição de cientistas por motivos políticos e étnicos chegariam na Áustria junto com o *Anschluss*, em 1938. Não apenas causariam prejuízos aos próprios indivíduos, mas também embaraçariam o avanço científico em várias áreas, como economia e física (HAGEMANN, 2010).

Atingido em cheio, o setor de economia da Universidade de Viena presenciaria a demissão (e, por vezes, o encarceramento) de importantes nomes ligados ao círculo de Spann (incluindo o próprio) e ao Estado Corporativo Austríaco<sup>13</sup>. Também seriam obstruídas as ofertas de disciplinas por Hayek, Morgenstern e alguns outros ex-alunos do curso. E, a essa situação crítica, somavam-se os já mencionados comportamentos “adaptativos” de Hans Mayer (alcançado *Verwandlungskünstler*, ou “transformista”,

---

<sup>13</sup> O Estado Corporativo (*Ständestaat*), ou o Estado Federal da Áustria (*Bundesstaat Österreich*), durou de 1934 a 1938. Tratava-se de um regime liderado por um único partido (*Vaterländische Front*) que pregava o nacionalismo austríaco e a proteção de sua cultura católica frente à dominação pela Alemanha protestante. Diferenças religiosas à parte, vale lembrar que o intercâmbio cultural entre esses países era intenso. Por exemplo: Clemens Metternich, premiê conservador da Áustria, era alemão, enquanto que Hitler, líder político na Alemanha, era austríaco (EBENSTEIN, 2003, p. 16).

pelos nazistas), que certamente beneficiaram mais a si próprio do que aos demais (KLAUSINGER, 2015, p. 292-293).

Frente às crescentes dificuldades impostas ao estudo, à pesquisa e à atuação profissional, muitos entenderam que era o momento de ir embora. Durante as décadas de 1930 e 1940, a corrente observou uma fuga intensa dos seus autores em direção às comunidades científicas dos países de língua inglesa (BOETTKE; COYNE; NEWMAN, 2016, p. 2).

Na verdade, os principais acadêmicos da Escola Austríaca saíam antes de a situação atingir o extremo. Hayek, por exemplo, migrara em 1931 para Londres, para lecionar na LSE. Mises fora para Genebra em 1933, e posteriormente, em 1940, para Nova Iorque. As emigrações antecipadas dos autores mais renomados eram, em parte, positivas. Particularmente porque, uma vez instalados nas universidades estrangeiras, podiam intermediar a contratação dos colegas com menor reconhecimento internacional (DEKKER, 2014, p. 46). Além disso, esses mesmos pesquisadores também teriam papel crucial na internacionalização (pela tradução e difusão em seus próprios ambientes universitários) das obras publicadas por seus conterrâneos em língua alemã (BOETTKE; COYNE; NEWMAN, 2016, p. 19).

#### 1.4.3 A EMIGRAÇÃO DE ROSENSTEIN-RODAN

Uma vez estabelecido que, tanto judeus quanto acadêmicos, estavam frente a prospectos bastante negativos, Rosenstein-Rodan, e demais membros de ambos grupos, se via em uma posição ainda mais precária. Como já dito, antes de uma consolidação do poder nazista sobre a Áustria ocorrer em 1938, movimentos políticos antissemitas já clamavam pela expulsão dos judeus da cidade. A chegada dos refugiados da Galícia, em 1914 tinha sido um agravante desse processo. Em 1920, já se falava na remoção de todos os funcionários judeus do serviço público austríaco. E, nos anos seguintes, seriam propostos limites ao número de alunos e professores judeus nos educandários (CRAVER, 1986, p. 23).

Como posteriormente diria Karl Popper,

there were frequent anti-Semitic riots at the University, and constant protests against the excessive number of Jews among the professors. It became impossible for anybody of Jewish origin to become a University teacher (CRAVER, 1986, p. 23).

Diferente de Mises, no entanto, muitos de seus colegas e conhecidos não emigraram na hora certa. A razão para isso, segundo Rosenstein-Rodan, era que alguns intelectuais vienenses encaravam os eventos com certo distanciamento. Outros estavam “seduzidos pela beleza crepuscular de um mundo que sabiam estar perdido” (CRAVER, 1986, p. 25, tradução nossa). Ainda mais inexplicavelmente, algumas pessoas acreditavam que a situação seria passageira.

De todo modo, em 1930, Rosenstein-Rodan partiria para a Itália. Lá, conheceria Luigi Einaudi, um economista liberal que atuava como correspondente no país para a fundação Rockefeller (ALACEVICH, 2020, p.4). A fundação, por sua vez, era uma organização privada de filantropia fundada em 1913 pelo magnata americano do petróleo John D. Rockefeller. Uma de suas atividades era financiar os trabalhos (e, não raro, as relocações) de pesquisadores como Rosenstein-Rodan.

Posteriormente, em 1948, Luigi seria eleito o segundo presidente da República Italiana, instituída em 1946. Antes disso, acompanharia Rosenstein-Rodan que, provido do financiamento da Rockefeller, conheceria vários economistas importantes, cujos contatos lhe serviriam anos mais tarde nas tratativas dos empréstimos do Banco Mundial à Itália. Ainda na década de 1930, Einaudi lhe providenciaria uma nova bolsa Rockefeller para financiar seus trabalhos na cidade de Londres. Lá, além de ampliar sua rede de contatos e inteirar-se dos avanços científicos mais recentes, poderia disseminar trabalhos produzidos na Itália enquanto estreitava seu convívio com Hayek, Lionel Robbins, Nicholas Kaldor, John Hicks e Piero Saffa (ALACEVICH, 2020, p. 4-5).

Enquanto a situação na Europa continental se agravava, com a ascensão de Hitler ao poder em 1933, sua carreira progredia em Londres. Vislumbrava um possível cargo no University College London enquanto realizava algumas colaborações com a revista *La Riforma Sociale*, de Einaudi, e outros projetos de pesquisa na história do pensamento econômico e no papel do tempo na ciência econômica. Em 1941, a Chatham House, importante *think tank* londrino de relações internacionais, ofereceria a Rosenstein-Rodan o cargo de Secretário do Grupo Econômico da instituição (ALACEVICH, 2020, p.8). Lá, colaboraria com as pesquisas em relações internacionais destinadas a auxiliar o governo britânico na cada vez mais difícil tarefa de manter a paz no continente europeu.

## 1.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio dedicou-se à reconstrução da trajetória de Paul Narciz Rosenstein-Rodan desde o início de sua carreira como economista, na Faculdade de Direito da Universidade de Viena até a sua chegada à cidade de Londres. Abordando alguns dos principais aspectos da vida acadêmica na cidade à época, buscou-se caracterizar o ambiente de pesquisa e aprendizado com o qual o autor conviveu por cerca de dez anos, seus principais seminários, professores e temáticas. Tratou-se também dos trabalhos que produziu durante essa primeira fase em sua carreira, e de alguns desenvolvimentos teóricos com os quais colaborou. Por fim, versou-se sobre a decadência da atividade científica da cidade e a emigração de seus acadêmicos em meio à preocupante ascensão do nazismo.

Embora precarizada pela deterioração política e econômica causadas pela Primeira Guerra, a cidade de Viena ainda era um dos melhores centros da Europa para se estudar economia. Rosenstein-Rodan e seus colegas foram provavelmente os últimos a aproveitá-la em seu auge. O ambiente acadêmico descentralizado e relativamente informal foi fundamental na ampliação do escopo de formação dos jovens, pois permitiu que tivessem contato com temas que tinham pouco ou nenhum espaço na Universidade.

Resultados disso só poderiam ser as brilhantes contribuições científicas da quarta geração de economistas que, um pouco mais distantes do projeto original de Menger, alcançaram novas fronteiras do pensamento econômico. Rosenstein-Rodan poderia ser considerado como um bom exemplo desse processo tendo em vista o caminho inesperado que o levou da teoria econômica pura para os ainda pouco explorados campos do desenvolvimento econômico. Além dele, pode ser mencionado Oskar Morgenstern e seus modelos matemáticos complexos, que dificilmente teriam espaço na Escola da época.

Vale considerar, por outro lado, que a mesma pluralidade de ideias que permitiu que Rosenstein-Rodan e Morgenstern se distanciassem das raízes da escola viabilizou, por parte de Hayek, uma reaproximação dos já esquecidos escritos de Menger. Com as mudanças curriculares promovidas por Wieser e Mayer, os alunos já não tinham mais acesso a estas e, em seu lugar, recebiam uma formação mais próxima da síntese neoclássica. Ludwig Mises, desprezado pelos colegas da universidade e contando apenas com seu seminário, inspiraria o jovem Hayek a ler os clássicos austríacos e o acompanharia em boa parte do seu processo rumo a uma formação genuinamente liberal.

À exceção de sua posição ligeiramente privilegiada, como assistente de Hans Mayer, e da sua origem judia, há pouco que possa ser citado como um diferencial próprio naquele período. Suas ideias, embora consistentes com as temáticas da Escola Austríaca da época – como a teoria econômica pura, o papel do tempo, a moeda, os preços e a utilidade marginal – não estariam desconectadas de seus trabalhos futuros na economia do desenvolvimento.

A emigração antecipada certamente lhe poupou de alguns prejuízos. Além disso, o *deus ex machina* proporcionado por Einaudi com o suporte da fundação Rockefeller provavelmente não se estendeu a todos os seus colegas – razão pela qual Rosenstein-Rodan novamente era privilegiado. Quanto aos horrores da perseguição nazista, é visto que muitos dos economistas judeus da Escola Austríaca tiveram condições de escapar. A despeito de ter perdido os pais em Lviv, somos levados a crer que a emigração de Rosenstein-Rodan foi bem menos traumática que o destino de muitos de seus colegas.

Quanto à sua carreira, tão logo o choque de realidade dos conflitos internacionais lhe alcançasse na Inglaterra, o autor estaria preparado para desenvolver uma aplicação para seus conhecimentos teóricos e colaborar no aconselhamento do governo britânico. É certo que seus trabalhos mais importantes diriam respeito à disciplina da economia do desenvolvimento e, ainda que inovadores, se valeriam de conceitos e visões que já ocupavam seus pensamentos desde os primeiros anos em Viena.

## 2 ROSENSTEIN-RODAN E A AMÉRICA LATINA

### 2.1 INTRODUÇÃO

Paul Narcyz Rosenstein-Rodan (1902-1985) foi um economista judeu educado na Escola Austríaca de Economia ao longo da década de 1920 e um dos pesquisadores pioneiros da Economia do Desenvolvimento. Nascido em Cracóvia, filho de um juiz de direito e de uma dona de casa, o jovem migraria para Viena em busca de qualificação superior. Lá, demonstraria interesse nas temáticas de teoria econômica pura, como utilidade marginal e o papel do tempo. Também se inteiraria de outras discussões comuns à Escola Austríaca em seu tempo, como teoria monetária, teoria do capital e o debate do cálculo econômico socialista.

Sua formação nos anos 20 se daria em meio a grandes mudanças sociais. Outrora a capital do vasto império Habsburgo, Viena se via no centro de uma pequena e empobrecida república, às voltas com problemas de inflação descontrolada, pelos prejuízos da Primeira Guerra Mundial – tais quais a fome e a mendicância – e assolada por conflitos internos. Na Universidade, assim como demais alunos da chamada quarta geração de economistas austríacos, Rosenstein-Rodan teria pouco contato com as obras do fundador Carl Menger. Isso se deveria às mudanças de currículo promovidas na gestão de Friedrich Wieser e de seu próprio orientador, Hans Mayer.

No despontar da década de 1930, péssimas perspectivas profissionais e tensões sociais crescentes o fariam migrar para Londres e aceitar uma bolsa para divulgação de trabalhos científicos italianos na Inglaterra. Em alguns anos já conseguiria um contrato de docência no University College London. Quando a hostilidade alemã começou a aparecer com mais clareza, em grande medida um reflexo dos termos de indenização de guerra previstos no Acordo de Paris (1919), Rosenstein-Rodan aceitaria uma posição em um *think tank* proposto a aconselhar o governo britânico nas suas estratégias de enfrentamento à ameaça nazista – a Chatham House.

De seus trabalhos na Chatham House, adviria o seu famoso artigo “*Problems of industrialization of Eastern and South-Eastern Europe*”, publicado em 1943. Uma grande quebra com os valores liberais que dominavam a política internacional da época, o artigo propunha um investimento maciço e centralmente gerido com o intuito de promover o

impulso necessário ao estabelecimento de um crescimento autossustentado na região. Além desse ponto, que entendia benéfico a todos, argumentava que o plano a aproximaria do Império Britânico e de seus esforços de repelir a expansão da zona de influência alemã.

A partir de 1944, o autor já começaria a desenvolver uma generalização de sua teoria. Um novo artigo (“*The International Development of Economically Backward Areas*”) traçava paralelos entre os problemas do leste europeu com outras regiões do mundo. E, sob a premissa de que o desemprego disfarçado (*disguised unemployment*) era um drama comum às economias agrárias carentes de capital industrial, argumentava que o capital deveria ir em sua direção e promover o desenvolvimento da mesma forma que o faria no Leste Europeu.

Com o final da guerra (e do valor prático de seu trabalho para o governo britânico), Rosenstein-Rodan iria para os Estados Unidos e se juntaria ao Banco Mundial em 1947 para tratar de projetos de financiamento internacional. Nos anos 1950, com uma popularidade crescente, Rosenstein-Rodan seria contratado pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT) para assumir uma vaga no Centro para Estudos Internacionais (CENIS). Originalmente criado para evitar o avanço do socialismo, o centro queria ampliar seu escopo e estudar formas de promover a industrialização e o desenvolvimento em países. A partir daí sua carreira como pesquisador da economia do desenvolvimento estaria consolidada nos Estados Unidos e seu interesse pela América Latina cresceria de modo a dominar suas preocupações nas décadas seguintes.

Quando, em setembro de 1973, o projeto socialista do presidente Salvador Allende foi derrubado por um golpe militar, um novo governo assumiu seu posto e deu início a um conjunto de reformas econômicas de caráter neoliberal que caracterizariam a realidade do país pelas décadas seguintes. Dissolvidos os partidos de esquerda e suspensa a constituição, o que se seguiu foi uma época de repressão violenta de movimentos políticos e sindicais, além de torturas e execuções (ALACEVICH, 2020).

No ano seguinte, já ocupando a posição de diretor do Centro de Estudos em Desenvolvimento Latino-Americano da Universidade de Boston (CLADS), Rosenstein-Rodan argumentaria que a queda do presidente se devia à sua incompetência na promoção do crescimento e da estabilidade macroeconômica do país. Nesse contexto, dizia, a intervenção das forças militares fora o caminho encontrado para recompor os valores

basilares da sociedade chilena. “O povo quase que desejava um golpe militar” (ROSENSTEIN-RODAN, 1974, p. 13, tradução nossa).

Educado na Universidade de Viena, berço da Escola Austríaca e usina de pensadores liberais renomados, a aproximação de Rosenstein-Rodan com um regime ditatorial é no mínimo curiosa. Para além do viés teórico de sua formação, a reação pouco enfática às violações de direitos perpetradas na América do Sul parece entrar em conflito direto com sua própria história pessoal. Esta, marcada por reflexos das ascensões de Stalin e Hitler ao poder, pela problemática propagação do nazismo na Áustria e pela perseguição política, certamente foi suficiente para educá-lo sobre os problemas do autoritarismo (CRAVER, 1986). Assim, mesmo que lhe desagradasse o governo deposto, ditaria o senso comum que as ações de censura, perseguição e tortura do novo regime lhe desagradassem ainda mais.

O senso comum é colocado à prova quando se constata que Hayek, em sintonia com os ideais de seu mestre Mises e acompanhado de pensadores liberais ligados à Sociedade Mont Pèlerin, seguiu por um caminho parecido. Suas visitas ao país e sua crítica à “cobertura imparcial” da imprensa internacional lhe renderiam o rótulo claro de apoiador do novo projeto de governo. E, na verdade, a julgar por alguns dos seus textos, somos levados a pensar que os conterrâneos de Rosenstein-Rodan estavam longe de ser os maiores entusiastas da democracia – em particular da socialista. Na sua concepção, o regime democrático teria uma indigesta tendência de produzir sociedades sem respeito pelos valores da individualidade e da liberdade (FARRANT; MCPHAIL; BERGER, 2012; CALDWELL; MONTES, 2014; MEADOWCROFT; RUGER, 2014; NELL, 2014).

Naturalmente, é necessário lembrar que o rótulo de austro-liberal, que tão facilmente descreve Hayek, não necessariamente se aplica a Rosenstein-Rodan. Essa constatação já poderia ser feita com base nas participações ecléticas deste último em seminários de economia oferecidos em Viena. Todavia, é ainda mais evidente no rumo que tomou sua carreira após 1943, enveredando pela economia do desenvolvimento e pelas agendas intervencionistas do auxílio internacional. Inclusive, conforme relata Klausinger (2015), esta foi a razão responsável por impedir que seu nome fosse cogitado por Hans Mayer para sua substituição na Universidade de Viena. Pois, assim como o colega e amigo Oskar Morgenstern havia se tornado um “economista matemático”,

Rosenstein-Rodan não atendia aos requisitos de seu antigo orientador por conta de seu papel no Banco Mundial.

Postas essas considerações, restaria saber se as inclinações de Rosenstein-Rodan para com o regime chileno tinham uma natureza parecida com as de Hayek e do pensar austro-liberal ou se seriam reflexo de alguma outra pauta. Poderia ser que Rosenstein-Rodan compartilhasse das mesmas reservas de Hayek em relação à democracia e acreditasse na capacidade do novo regime de, em detrimento de um governo democrático, promover a liberdade dos seus cidadãos. Alternativamente, poderia ser que seu interesse no processo político chileno tivesse uma razão mais próxima da sua realidade como pesquisador em economia e teórico do desenvolvimento.

Além de colaborar para a compreensão em torno da perspectiva que importantes teóricos liberais da década de setenta tinham sobre a crise chilena e o seu caminho rumo ao autoritarismo, o presente trabalho deve oferecer uma leitura crítica das ideias que Rosenstein-Rodan manifestou sobre o assunto em alguns de seus textos. Há um entendimento na literatura – particularmente visível no trabalho de Alacevich (2020) – de que o apoio de Rosenstein-Rodan ao regime aconteceu de maneira muito franca e poderia ter raízes em valores liberais e (talvez) autoritaristas. O objetivo central aqui é contribuir para o esclarecimento de suas polêmicas declarações no assunto. Mas, não se deve ignorar o contexto que estas ocupam no plano geral de sua carreira e como se comparam com a retórica liberal que figura nas teses de seus pares.

Inicialmente, este trabalho consiste em uma contextualização da situação chilena na época do golpe. Em seguida, são apresentadas as críticas de Rosenstein-Rodan à gestão Allende, a repercussão que tiveram, e os aspectos centrais de seus planos para a recuperação econômica do país. A seção seguinte descreve as visões de Mises e Hayek sobre a democracia, alguns pontos do estatuto da Sociedade Mont Pèlerin e uma breve consideração sobre o argumento da ditadura de transição. Depois, se trabalha na comparação das ideias de Rosenstein-Rodan com as de seus pares austro-liberais e da Sociedade, com o intuito de entender se há convergência entre esses nas suas pretensões para com a nação sul-americana. As considerações finais encerram o trabalho.

## **2.2 A CRISE DEMOCRÁTICA CHILENA**

Esta seção busca fornecer algum contexto com relação ao golpe militar ocorrido no Chile em setembro do ano de 1973. A intenção é pôr em perspectiva os principais

eventos que culminariam nesta intervenção que suspenderia o processo democrático do país por décadas. Narra-se alguns dos principais aspectos da tomada do poder pela junta militar. E, além disso, aproveita-se para relatar as ações tomadas pelo novo governo imediatamente após a sua ascensão ao poder.

### 2.2.1 OS PROBLEMAS DA GESTÃO ALLENDE

Em setembro de 1970, a acirrada eleição presidencial chilena chegou a um resultado indefinido. Estabeleceu-se uma margem estreita entre o socialista Salvador Allende Gossens (União Popular), com 36,2%, e o líder de direita Jorge Alessandri, com 34,9%. Este último, além de já ter ocupado o cargo entre 1958 e 1964, era filho do veterano Arturo Alessandri, que ocupara a função em duas oportunidades: de 1920 a 1925 e de 1932 a 1938. Diante da situação em que nenhum candidato conseguiu estabelecer uma maioria simples, e da postura neutra do presidente em exercício, Eduardo Frei, o Congresso entendeu pela eleição de Allende (NELL, 2014; VELASCO, 1976).

Embora uma tradição do congresso nacional, essa opção pelo candidato mais votado não foi imediata (VELASCO, 1976). Havia uma preocupação com relação ao fato de que Allende parecia pouco dado à observância de procedimentos constitucionais. Em certa ocasião, este teria aludido a uma possível intervenção na estrutura de funcionamento do congresso, que, em caso de oposição, poderia ser imposta por força de um referendo. Por receio de seu viés socialista e antidemocrático, o Partido Democrata Cristão, maior do país à época, pressionou-o para que assinasse uma “Emenda de Garantia Democrática” (NELL, 2014).

A referida emenda, a ser atrelada à constituição, supostamente teria como principal objetivo impedir que os marxistas tirassem vantagem de seu recém adquirido poder e tentassem acabar com o regime livre e democrático que imperava no Chile. O texto basicamente reconhecia e garantia a manutenção de alguns direitos políticos e individuais, um sistema democrático e republicano, direito de acesso à imprensa e meios de comunicação de massa pelos partidos políticos, meritocracia no acesso ao ensino e às promoções de carreira no magistério superior, além do direito ao trabalho, à greve, à vida social e econômica e à incorporação à comunidade nacional. Uma vez aprovado pelo senado e assinado por Allende, este último diria que fizera essa concessão apenas pela formalidade (VELASCO, 1976; NELL, 2014).

Agraciado por substanciais reservas de cobre e extensa costa marítima, o Chile era dotado de uma população relativamente miscigenada que, ainda nos anos 70, observava certa estratificação social e presença de oligarquias (LOPES; CHEBAB, 2015). Ainda assim, para o ex-ministro da economia Fernando Léniz, as políticas públicas de desenvolvimento econômico aplicadas desde 1930, muitas vezes pautadas pelo seu apelo popular, é que tiveram o efeito colateral de obstruir o crescimento e a diversificação, e de desviar recursos de poupança que deveriam ser destinados ao investimento (LÉNIZ, 1975).

Politicamente, no entanto, o Chile era claramente o país mais avançado da América Latina (VELASCO, 1970). A estabilidade das instituições democráticas e republicanas era reconhecida e duradoura (CALDWELL; MONTES, 2014). E, provavelmente por conta disso, a ascensão de um político socialista/marxista, embora uma clara guinada rumo à esquerda do espectro político, não teria motivos para deixar o cidadão médio temeroso pelo futuro do sistema político.

Conhecida como “via chilena para o socialismo”, a política econômica do presidente Allende era em grande medida baseada nos projetos de reforma agrária e de nacionalização do parque fabril do país. A sua intenção era promover uma gradual e serena transição de um sistema capitalista para um socialista, com respeito à constituição e às garantias fundamentais por ela compreendidas. O plano chefiado pelo economista Pedro Vuskovic priorizava a nacionalização de setores chave da economia, como a mineração de cobre. Além disso, objetivava congelamento de preços das mercadorias e do aumento do salário do trabalhador (ROJAS, 1976).

Longe de uma transição serena, no entanto, Velasco (1976) destaca que o processo de estatização da indústria chilena não raro adquiria ares de oportunismo, com violações graves à lei e aos direitos de propriedade. Segundo o autor, operários eventualmente provocavam tumultos em seus locais de trabalho para que, uma vez interrompida a produção, o governo pudesse intervir sem a necessidade de aprovação do congresso, conforme previsão constitucional. Exemplo disso seria a estatização das indústrias têxteis, ocorrida em 1971. Com uma ocupação dos prédios por parte dos trabalhadores, o governo Allende teve o caminho livre para encampar as empresas sob o argumento de que o suprimento inadequado de têxteis era prejudicial à população. Assim, oito das maiores firmas do setor no país foram incorporadas à “área social”.

Paralelamente, o governo procedia com seus planos de estatização do setor financeiro. A ideia da nacionalização era estabelecer uma nova política de crédito, com juros mais baixos, no intuito de beneficiar empresas de pequeno e médio porte, além de outras áreas da economia geralmente negligenciadas. Novamente, para evitar a necessidade de um aval do congresso, o governo adotaria cursos pouco ortodoxos de ação. Dentre estes, destacam-se o maior rigor nas rotinas de fiscalização, o saque de depósitos públicos e a proibição de operações mais lucrativas como o mercado de câmbio (VELASCO, 1976). Considerando que a maioria das instituições tinha suas ações na bolsa de valores, compra-las com dinheiro recém impresso era um processo relativamente simples. Como resultado, ao final de 1973, cerca de 85% do setor financeiro pertencia ao estado (LARRAÍN; MELLER, 1991).

Controversa e certamente mais complexa, a nacionalização das indústrias de extração do cobre, produto que respondia por mais de 75% das exportações do país, foi feita de maneira que muitos consideraram pouco sensata. A negativa, por parte do governo, de oferecer uma indenização adequada às multinacionais expulsas do país o colocou em confronto com os governos dos países de que estas eram originárias (LARRAÍN; MELLER, 1991). Pelas reformas estruturais, o Estado ganhou controle dos meios de produção – e dos seus excedentes – conforme desejava. No entanto, bastou que um contingente bem pequeno de profissionais altamente capacitados fosse retirado do Chile para que o governo ficasse sem condições técnicas de promover a expansão ou mesmo a exploração eficiente do recurso (ROMEO, 1971).

O processo de reforma agrária também começou a demonstrar suas limitações. Embora as políticas já existissem nas gestões anteriores, o que ocorreu no governo Allende foi uma intensificação pela flexibilização de suas regras (LARRAÍN; MELLER, 1991). A partir de agora, critérios como produtividade e ocupação não eram mais centrais para a determinação do confisco. O recurso judicial e a indenização dos expropriados foram dificultados a nível de se inviabilizarem em grande parte dos casos (VELASCO, 1976). O impacto disso na produtividade rural foi certo.

O terceiro ano do governo Allende foi o ponto a partir do qual a situação começou a piorar depressa. O aspecto mais visível disso era provavelmente a aceleração do processo inflacionário – de 35% em 1970 a 606% em 1973 (LARRAÍN; MELLER, 1991; CALDWELL; MONTES, 2014), que seria facilmente atribuível à emissão desenfreada de moeda destinada a cobrir os déficits da nacionalização de setores inteiros da economia.

No entanto, de um modo geral, os indicadores começariam a mostrar a dura realidade da situação.

Se o preço do cobre era alto na entrada de Allende, isso já não se verificava em 1973. Além disso, os fundos deixados pela gestão fiscal responsável de Frei foram rapidamente exauridos em políticas expansionistas. As reservas internacionais foram liquidadas na cobertura dos déficits públicos e na importação de bens de consumo. E os investimentos internacionais minguaram à medida em que os estrangeiros se inteiravam da instabilidade política. O déficit público chegaria a 30% do PIB naquele ano (CALDWELL; MONTES, 2014).

Em março de 1973, o ex-presidente Eduardo Frei concederia uma entrevista ao jornal londrino *The Times* criticando duramente o governo por violações à lei e às instituições em seu pleito de instaurar o totalitarismo no Chile. A suprema corte, em espírito muito parecido, diria que o país enfrentava uma crise do Estado de Direito, ao passo que a sociedade, crescentemente polarizada, se agitava em greves e incidentes violentos. Em agosto, a câmara dos deputados emitiu um documento acusando o governo de violar gravemente a constituição e impelindo-o a reconsiderar suas ações – o que poderia facilmente ser interpretado como uma petição por um golpe militar (CALDWELL; MONTES, 2014).

Deflagrada em 1973, uma barulhenta greve de caminhoneiros, acompanhada de atos de protesto e violência seria a gota d'água na queda do governo (CALDWELL; MONTES, 2014). Conforme Velasco (1976), as violações constitucionais e legais haviam alcançado extremos e uma guerra civil parecia iminente. Iniciada com reivindicações mais simples, não levaria muito tempo para que a greve se tornasse uma contestação política em prol da saída de Allende (ROSENSTEIN-RODAN, 1974, p. 12).

### 2.2.2 O GOLPE MILITAR

Já antes do início da década de 1970, era aparente a possibilidade de um *coup d'état* no horizonte chileno. Isso se via, por exemplo, no fato de que Brasil e Argentina, estavam sob comando militar desde 1964 e 1966, respectivamente. Ainda assim, de um histórico de relativa paz e respeito às instituições, o Chile parecia pouco propenso a ceder à tendência ao autoritarismo que emergia na América Latina da época. A capital, Santiago, tornara-se inclusive um refúgio comum para muitos intelectuais e opositores de regimes ditatoriais oriundos desses países (PALEY, 2001).

No entanto, o processo de intensa polarização e o crescimento da rejeição ao governo Allende fizeram brotar na população um sentimento favorável à intervenção militar. O apoio para esta não se limitava aos partidos e setores de direita. Correntes dentro da igreja católica e dos partidos de centro também estavam alinhadas com a ideia de que uma ocupação militar poderia ser necessária para derrubar o comunismo e, em seguida, colocar o país em ordem (PALEY, 2001).

Embora bastante dividido, o Partido Democrata Cristão, em sua maioria, já era em favor da intervenção militar. Patricio Aylwin, líder da legenda, era um crítico garrido do governo Allende. Atribuía a este último a crise econômica, a intenção de se perpetuar no poder por inúmeras formas e o processo de desmoralização e destruição das instituições democráticas. Além disso, denunciava que a Unidade Popular, partido da situação, estava promovendo a formação de milícias armadas que, mais cedo ou mais tarde, acabariam elas próprias por tomar o poder e submeter o país a uma tirania comunista (CALDWELL; MONTES, 2014).

Em setembro de 1973, o desenrolar dos fatos seria muito mais violento do que se esperava. No dia 11, a junta militar mostraria ao povo chileno que estava pouco inclinada a sutilezas: a *Casa de La Moneda*, palácio sede do governo chileno e moradia do presidente, foi bombardeada por aviões e tanques com Allende em seu interior. Enquanto chamas consumiam dependências do prédio – e alguns tesouros nacionais do seu acervo – o presidente cometia suicídio. A mensagem posteriormente enviada pela junta aos civis dizia que aqueles que ousassem se opor aos seus decretos e à ordem social por ela estabelecida poderiam esperar tratamento semelhante (PALEY, 2001).

### 2.2.3 O CENÁRIO PÓS-GOLPE

O que se sucedeu nos meses seguintes foi uma sequência de conflitos sociais, protestos sangrentos e traumas familiares. A recém-criada *Dirección de Inteligencia Nacional* (DINA) centralizaria boa parte das atividades de sequestro, tortura e assassinatos em nome do governo militar. As vítimas, nacionais e civis na sua maioria, eram frequentemente opositores políticos, manifestantes e outras lideranças comunitárias. Orlando Letelier, ex-embaixador chileno nos EUA, seria assassinado em Washington (DC) com uma bomba em seu carro, atraindo grande atenção internacional (CALDWELL; MONTES, 2014). Também não estavam a salvo militares contrários ao

golpe e membros da classe artística. Exemplos disso foram o general de brigada da força aérea Alberto Bachelet<sup>14</sup> e o icônico cantor *folk* Victor Jara (PALEY, 2001).

Além de militantes de esquerda e outros ativistas, algumas instituições também seriam alvo das ações da junta militar. A mais expressiva, e talvez a mais fortemente associada ao regime democrático, era certamente o congresso, fechado no dia 21 daquele mesmo mês (CALDWELL; MONTES, 2014). Além da dissolução de partidos políticos, também foram queimados muitos livros, censurados os veículos de comunicação e expulsas algumas personalidades “subversivas” das universidades e dos sindicatos. Direitos de reunião, expressão e organização foram suspensos no país inteiro. Todas essas ações, segundo os militares, estariam em sinergia com a meta de erradicar o totalitarismo marxista do Chile e defender a ordem social (PALEY, 2001; ALACEVICH, 2020).

A imprensa internacional seria responsável por alardear ao mundo relatos de abusos aos direitos humanos em todo o país. A Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas estabeleceria um grupo de trabalho que, em meio a visitas e pesquisas de campo realizadas em 1975 e 1976, produziria relatórios bastante críticos a respeito da situação local<sup>15</sup>. E, além disso, a atenção da polícia e dos departamentos de investigação criminal nos EUA, atraída pelo atentado a bomba que matou Letelier (e a colega americana Ronni K. Moffitt), seria fundamental para desmascarar e responsabilizar a DINA por operações criminosas em nível internacional (CALDWELL; MONTES, 2014).

Logo após o golpe, a junta militar viria a ser substituída pelo general Augusto Pinochet, que tinha as mesmas inclinações ideológicas. Considerando que a ideia central do golpe militar era desfazer as políticas econômicas promovidas pelo governo Allende, a primeira tarefa do novo governante seria alcançar a estabilidade dos preços e reestabelecer a economia de mercado. Para isso, seriam promovidas ações de desvalorização cambial, fim do controle de preços e a devolução de várias firmas confiscadas pelo regime anterior (PALEY, 2001; CALDWELL; MONTES, 2014).

O resultado imediato dessas operações não seria visível: a inflação alcançaria a casa dos 600% em 1973 e 369% em 1974. Seria colocada sob controle apenas a partir de

---

<sup>14</sup> Pai de Michelle Bachelet, presidente do Chile entre 2006-2010 e 2014-2018.

<sup>15</sup> Embora o autor não tenha encontrado tais relatórios, dados da Comissão da Verdade e Reconciliação e de outras comissões análogas remetem a mais de 2.000 execuções, mais de 1.100 desaparecimentos, 40.000 prisioneiros políticos torturados e mais de 200.000 exilados ao longo do regime (CALDWELL; MONTES, 2014, p. 10).

1975, quando foi de 21,9%. Naquela altura, porém, o cenário de preços decedentes do cobre, preços crescentes do petróleo e o financiamento internacional inacessível por conta do histórico do país, tornariam a promoção da estabilidade interna um desafio ainda maior ao economista cristão-democrata Jorge Cauas. Frente à problemática situação, este adotaria um tratamento de choque que, pautado por medidas ortodoxas, seria conhecido como o “Plano de Recuperação Nacional” e pavimentaria o caminho para seu sucessor – o *Chicago boy* Sergio de Castro (CALDWELL; MONTES, 2014).

No começo de 1977, Castro retiraria o Chile do Pacto Andino (arranjo comercial com vizinhos sul-americanos) e uniformizaria as tarifas aduaneiras em 10%. A intenção era promover a competitividade da indústria local e encerrar de vez com o protecionismo que caracterizara o governo Allende – que ia de 105% em bens essenciais a 750% nos mais supérfluos (CALDWELL; MONTES, 2014). Uma observação interessante que Nell (2014) faz sobre este período é a de que, se três anos de má gestão econômica foram suficientes para justificar a deposição do governo Allende, o mesmo critério certamente não se aplicou à gestão militar – que até 1976 observaria indicadores ruins, como o desemprego alto e inflação superior a 16% sem vislumbrar uma retirada forçosa do poder.

A verdadeira retomada econômica aconteceria no período a partir de 1977. O crescimento anual médio até 1981 atingiria a figura dos 7,3% e permitiria ao povo chileno sonhar com dias melhores. O clima de otimismo seria ainda incrementado com o estabelecimento de uma nova constituição, em 1980, que previa a chamada de um plebiscito em 1988 para reestabelecer as instituições democráticas. Novas legislações destinadas a modernizar a regulamentação do trabalho, da seguridade social, do serviço de saúde e reformar os sistemas de educação, de justiça e administrativo seriam postas em vigor. Todas obras do ministro do trabalho e seguridade social José Piñera (CALDWELL; MONTES, 2014).

## **2.3 AS IDEIAS DE ROSENSTEIN-RODAN**

### **2.3.1 O QUE DISSE ROSENSTEIN-RODAN NO TEXTO DE 1974**

O argumento central do artigo de 1974, publicado no periódico *Challenge* com o título de “*Why Allende Failed*” era o seguinte: a queda do presidente nada tivera que ver com socialismo. Sua verdadeira causa, escrevia Rosenstein-Rodan, era a pobreza na liderança e no planejamento, além da falta de realismo econômico (ROSENSTEIN-RODAN, 1974).

Mesmo reconhecendo que a morte do presidente era nada menos do que trágica, Rosenstein-Rodan é rápido em desqualificá-lo como uma personificação do socialismo no Chile. Antes, o autor entende que o evento se tratou da derrota pessoal de um homem que simplesmente não fizera as contas de maneira correta: imprimira dinheiro para incrementar a demanda sem pensar em como faria para incrementar a oferta (ROSENSTEIN-RODAN, 1974). Tratava-se de um governante que não fizera seu trabalho direito. Um presidente incompetente que se entendia socialista.

Sua retirada do poder, portanto, não poderia ser encarada como uma derrota para o socialismo. Este, na condição de “grande ideologia do século”, tinha tanta culpa por aquela gestão temerosa quanto qualquer outro sistema econômico, pois não era de sua natureza a ineficiência. Da mesma maneira, acrescenta, a experiência chilena não era evidência de uma eventual incompatibilidade entre socialismo e democracia, sendo também trágico que o público fizesse esse tipo de associação (ROSENSTEIN-RODAN, 1974).

Mesmo se tratando dos primeiros meses de 1974, no entanto, Rosenstein-Rodan já se via na necessidade de reconhecer os excessos dos generais chilenos. O autor argumenta que estes não eram necessariamente extremistas, pois desconfiava de que suas maiores fontes de inspiração eram figuras como Charles De Gaulle em detrimento de Benito Mussolini ou de Francisco Franco. Porém, é claro ao estabelecer que há razões para temer pela situação dos direitos humanos no Chile governado por militares. Além disso, considera que estes, embora conhecessem os problemas do país, ainda não pareciam ter planos claros para resolvê-los (ROSENSTEIN-RODAN, 1974, p. 13).

### 2.3.2 A REPERCUSSÃO DO TEXTO DE 1974

“Um movimento surpreendente” (ALACEVICH, 2020, p. 28), o texto de Rosenstein-Rodan em 1974 parecia prestar apoio à junta militar mais do que qualquer outra coisa. Certamente não fazia qualquer deferência à gestão Allende pelas suas ações. Acusava-o de ter causado sérios problemas para a economia de seu país, como inflação descomunal, perda de reservas internacionais e tensões sociais. No furor dessas críticas, dando pouca ênfase às brutalidades cometidas pelos militares no golpe e à participação ativa do governo dos Estados Unidos (majoritariamente intermediada pela CIA, na promoção da greve dos caminhoneiros), o autor deixava margem para poucas dúvidas com relação ao que pensava sobre a situação.

Para agravar a polêmica, em uma entrevista para um jornal estudantil que circulava no campus da Universidade de Boston, Rosenstein-Rodan diria que havia estado no Chile cinco vezes após o golpe militar<sup>16</sup>. Com base nessas visitas e em outras observações, o autor declararia entender o golpe como uma agitação necessária dentro do processo de transição do país para um clima mais brando e sensato (ALACEVICH, 2020).

Essa interpretação pouco rigorosa dos fatos, como Alacevich ressalta, é muito parecida com a feita pelo círculo imediato de Pinochet. Dentro deste, também se falava em reestabelecer valores fundamentais para restaurar os danos causados aos sistemas político, econômico e social do país (2020, p. 28).

Prontamente após a publicação de 1974, as palavras do autor tiveram uma recepção pública terrível. Cartas de indignação foram parar em jornais nacionais. Comentários acerca de sua personalidade e sua associação a regimes fascistas foram nada lisonjeiros. E, por ocasião de uma conferência que organizara no CLADS, em outubro de 1974, os protestos estudantis se intensificaram a nível tal que os funcionários tiveram de trancar as portas do centro. O restante do evento se deu fechado ao grande público e com o desfalque de vários palestrantes inicialmente anunciados. Na sua esfera mais imediata, houve quem parasse de falar com ele por conta da indignação (ALACEVICH, 2020).

### 2.3.3 O DISCURSO DE ROSENSTEIN-RODAN PARA O CIAP

Já passado o furor do golpe, o governo chileno enviaria uma comitiva para Washington (DC) com o propósito de apresentar um panorama do comportamento da economia chilena nos três anos anteriores. Apoiada pelo governo dos EUA desde o início, a nova administração entendia que era necessário informar a situação e tornar claros os seus planos para o progresso social e econômico do país. Essa apresentação aconteceria no âmbito do Comitê Interamericano da Aliança para o Progresso<sup>17</sup> (CIAP, na sigla em espanhol) e seria liderada pelo ex-ministro da economia chileno Sr. Fernando Léniz. O

---

<sup>16</sup> As visitas de Rosenstein-Rodan se deram três vezes nas semanas que se seguiram ao golpe de 11 de setembro de 1973. Outras duas visitas seriam feitas pelo autor ao país em março e agosto de 1974 (ALACEVICH, 2020).

<sup>17</sup> Originada em 1961 pelo governo de John F. Kennedy, a Aliança para o Progresso Latino Americano (*Alliance for Progress*) tinha como principal objetivo financiar o desenvolvimento e a erradicação da miséria em pelo menos dez países da região. Com uma meta inicial de desembolsar em dez anos uma soma na casa dos US\$ 80 bilhões, o projeto não atingiu a cifra dos vinte. As áreas de interesse eram a alfabetização, a reforma agrária, a redistribuição de renda, a estabilidade monetária e a industrialização. Por trás das boas intenções, no entanto, era visível que o interesse do projeto era refrear o avanço do comunismo no continente, que dois anos antes assistira atônito ao desenrolar da revolução cubana (NATALI, 2007).

evento ainda contaria com a presença de Rosenstein-Rodan, que faria um discurso com recomendações à instituição (ALACEVICH, 2020).

Na ocasião, Rosenstein-Rodan novamente diria que o problema da gestão Allende era mais o populismo do que o socialismo e que antes de uma revolução de consumo, o socialismo era uma revolução de produção. Também reforçaria a mensagem do quão problemática foram a expansão monetária e as políticas populistas com relação ao salário mínimo e a redistribuição da riqueza. Resultado destas, dizia, era a guerra econômica da qual o país emergiria somente a partir de 1973. Àquela altura, pós 1974, o que o Chile necessitava, além de novas políticas econômicas domésticas, era de auxílio e cooperação internacionais (ROSENSTEIN-RODAN, 1975). Sobre esse aspecto, o autor teria muito a discorrer.

A viabilidade do auxílio internacional para o Chile na conjuntura pós-golpe, segundo Rosenstein-Rodan, se devia a pelo menos três fatores. O primeiro e mais evidente era o potencial de exportação das vastas minas de cobre no território do país. O segundo, era o potencial de substituição das importações pelo desenvolvimento adequado da agricultura. E o terceiro – e talvez um dos argumentos mais marcantes para ilustrar sua adesão à causa de Pinochet – era a nova política econômica que estava sendo implementada no país. Esta, possivelmente inspirada no PAEG brasileiro, era

bem coordenada, forte e inteligente, capaz de se ajustar às mudanças imprevistas e margens de erro passadas em planejamento. [...] O que Roberto Campos fez em três anos (trazer a inflação de 96 para 30 por cento), o governo chileno planejava fazer em um (de 770 para 80 por cento) (ROSENSTEIN-RODAN, 1975, p. 220, adaptado, tradução nossa).

Rosenstein-Rodan sustentava que o plano econômico do governo Pinochet teria condições de reestabelecer em dois anos os patamares de renda *per capita* verificados em 1970, antes do governo Allende. Estes, como ele bem lembrava, correspondiam ao dobro do patamar que se verificou entre os meses de setembro e novembro de 1973, época da intervenção. Considerando que os agentes econômicos são mais sensíveis à aceleração do que à velocidade do processo inflacionário, o autor argumentava que o programa estava destinado a ter grande aceitação dentre as camadas menos afortunadas da população (ROSENSTEIN-RODAN, 1975).

Além da estabilização monetária, plano no qual se pretendia alcançar em um ano o que o Brasil sob Roberto Campos demorou três para alcançar, outro aspecto central para a recuperação econômica chilena seria a volta da força de trabalho à atividade. Com

índices de absenteísmo na casa dos vinte por cento – e um outro tanto de trabalhadores ativos apenas em meio período – a nação estivera, no ano de 1973, em meio a um cenário de grave desemprego. O aumento do produto, dizia Rosenstein-Rodan, viabilizado por uma gestão mais adequada e processos mais eficientes, permitiria a geração de excedentes cujo destino seria o investimento – e não o consumo, como ocorria durante a gestão de Allende. Novamente, para que isso acontecesse, não se bastariam os esforços locais. Seria necessária uma sólida cooperação internacional (ROSENSTEIN-RODAN, 1975).

Por se tratar de um plano muito bem elaborado, Rosenstein-Rodan não descartava a possibilidade de que alcançasse seus objetivos ao longo da própria década. Talvez, em um cenário otimista, o país estivesse em condições de começar o pagamento de suas dívidas já nos anos oitenta. A provisão inicial dos recursos, no entanto, teria que cobrir a totalidade das demandas do país. Em conformidade com os preceitos de seu famoso modelo de *big push* e da ideia do crescimento balanceado, o autor argumentava que uma casa incendiando não poderia ter suas chamas apagadas apenas no piso. Ou se fazia o trabalho bem feito, ou não se fazia trabalho algum (1975, p. 220).

O capital necessário para a empreitada, segundo suas estimativas, beirava os US\$ 1,3 bilhões. Já estariam inclusas aí as provisões necessárias para fazer frente aos crescentes preços do petróleo à época. Quanto à origem, ele imaginava que algo em torno de US\$ 500 milhões poderiam ser obtidos junto ao Clube de Paris<sup>18</sup>. Outros US\$ 95 milhões talvez viessem do Fundo Monetário Internacional. Créditos de curto e médio prazo estariam na casa de US\$ 300 milhões (parte deles já contratada). E, ainda sem origem definida, uma lacuna de US\$ 400 milhões precisava ser arrecadada – situação em que, possivelmente, viriam a calhar os recursos destinados à Aliança (ROSENSTEIN-RODAN, 1975).

Três áreas deveriam receber prioridade quando da aplicação do financiamento internacional. A primeira era a agricultura, em especial, aquela destinada à substituição das importações. A segunda era a de habitação e obras públicas, atividades vitais para o controle do desemprego. A terceira era a manutenção e a obtenção de matérias primas para a indústria (p. 221). Citando Austrália, Paquistão e Bangladesh como precedentes, o

---

<sup>18</sup> Fundado em 1956, e hoje contando com vinte e dois estados membros, o Clube de Paris é uma instituição informal dedicada a oferecer auxílio financeiro para países em dificuldades econômicas. Além da França e dos Estados Unidos, fazem parte do clube as outras principais potências econômicas europeias, alguns países asiáticos, Austrália e Brasil.

autor aponta que financiamentos nesses moldes não eram uma novidade e, nessas condições, dispensavam maiores explicações. Outros investimentos promissores – e mais particulares à realidade do Chile – seriam a produção de celulose, farinha de peixe e o florestamento. Aportes em projetos de geração de energia elétrica e produção de petróleo também não eram descartados (ROSENSTEIN-RODAN, 1975).

Ao final de sua fala, Rosenstein-Rodan avaliava que um programa econômico nesses termos seria a única forma pela qual o Chile poderia atingir todo seu potencial de desenvolvimento. Sob a premissa de que a distribuição de uma renda incremental é certamente mais fácil do que a redistribuição de uma renda estática, o autor sustentava que um bom programa de crescimento seria a base ideal para a estruturação de uma nova política de renda e um novo contrato social. Por fim, para além da reconstrução econômica, o autor considerou que algum trabalho a nível moral ainda seria necessário para curar as turbulências e a fragmentação social que devastaram o “Chile Lindo” – entendimento que reforça seu rechaço à gestão anterior (ROSENSTEIN-RODAN, 1975).

#### 2.3.4 COMO SUAS IDEIAS SE RELACIONAVAM À SUA CARREIRA

No que diz respeito à relação entre os temas de desenvolvimento econômico Chileno e o trabalho de Rosenstein-Rodan, não há mistérios. Desde 1972 na chefia do Centro de Estudos em Desenvolvimento Latino-Americano da Universidade de Boston (CLADS, na sigla em inglês), do qual era fundador, Rosenstein-Rodan tinha projetos ambiciosos nas temáticas de desenvolvimento econômico e auxílio internacional. Seu interesse pela América Latina, que já estava estabelecido havia mais de uma década, se dera muito em função de suas interações com a administração Kennedy (autora da Aliança para o Progresso entre EUA e América Latina). E, mais especificamente, colaborações com o centro de planejamento de desenvolvimento no Chile seriam realizadas em parceria com seus colegas Eckaus e Millikan (ALACEVICH, 2020).

O enfoque nos programas de auxílio internacional (*foreign aid*) também não surpreende. Afinal, desde a publicação de seu *magnum opus*<sup>19</sup> sobre os problemas de industrialização no leste europeu, seu nome esteve fortemente associado aos debates

---

<sup>19</sup> Publicado em 1943, “*Problems of Industrialization of Eastern and South-Eastern Europe*” foi o primeiro trabalho produzido por Rosenstein-Rodan na temática do desenvolvimento econômico. Um dos pioneiros a advogar pelo auxílio internacional (*foreign aid*) a países subdesenvolvidos, este foi um divisor de águas tanto para a disciplina quanto para a sua própria carreira. A partir de então, as ideias de *big push* e crescimento balanceado estariam no núcleo do debate do desenvolvimento econômico, e os seus trabalhos como pesquisador em economia seriam voltados a projetos de auxílio internacional em países pobres

nessa temática. Já em 1944 Rosenstein-Rodan estendera as considerações feitas sobre o leste europeu a outras cinco regiões do globo e ponderou sobre a universalidade de sua abordagem. Dessa forma, o que se viu no plano econômico apresentado pelo autor ao comitê em 1975 não é nem um pouco estranho aos conceitos de crescimento balanceado e do *big push* – cujo desenvolvimento o autor iniciara em 1943 e aperfeiçoaria ao longo das décadas seguintes (ROSENSTEIN-RODAN, 1961; ROSENSTEIN-RODAN, 1943).

Sobre sua vida profissional na década de 1970, no entanto, alguns comentários ainda precisam ser feitos. Antes de mais nada, considerando seu nascimento em 1902, é imaginável que, embora ainda na ativa, sua aposentadoria estivesse próxima. Sua carreira acadêmica, iniciada na década de 20, em meio à Escola Austríaca, tivera um salto qualitativo na década de 1940, quando da publicação de seus primeiros trabalhos na recém surgida economia do desenvolvimento. Assim, ao longo da década de 1950, muitos autores referenciarão seu trabalho e sua popularidade crescerá constantemente. À medida em que o tema do desenvolvimento econômico ganhava notoriedade global, surgiram oportunidades de trabalho e pesquisa no Banco Mundial e, mais tarde, no CENIS (MIT) (ALACEVICH, 2020).

Nos anos 60, no entanto, particularmente pelo que se pode depreender do relato de Alacevich (2020), os ventos começariam a soprar para a direção oposta. Uma crise atingiria a disciplina de economia do desenvolvimento, causada majoritariamente por disputas em torno de seus alicerces teóricos e pelo desencantamento em relação aos resultados medíocres de vários projetos de desenvolvimento mundo afora. Além disso, o crescente ceticismo em torno da intervenção estadunidense em países subdesenvolvidos – aspecto em que merecem destaque a Guerra do Vietnã e algumas operações de sabotagem política da CIA – viria para agravar a situação dos pesquisadores da área (ALACEVICH, 2020).

Posto este contexto, na década de 1970, Rosenstein-Rodan retornaria do Texas à Nova Inglaterra para fundar, na Universidade de Boston, o Centro de Estudos de Desenvolvimento Latino Americano (CLADS, na sigla em inglês). A ideia para o centro seria de que repetisse mais ou menos as atividades de pesquisa econômica orientada às políticas públicas que já eram desempenhadas no CENIS. Porém, dessa vez, em um grupo mais coeso e com uma quantidade maior de economistas – que haviam perdido gradualmente a importância no centro antigo ao longo dos anos sessenta (ALACEVICH, 2020).

Outrora reconhecido no meio acadêmico como autor de um dos *hits* responsáveis pela criação de uma nova forma de se abordar os problemas econômicos do mundo, nos anos 70 Rosenstein-Rodan se via em uma realidade bem menos brilhante – particularmente em função da já mencionada deterioração da disciplina. Para se somar a isso, sua produção intelectual deixou de acontecer na forma de artigos em revistas científicas para se concentrar em relatórios de menor circulação (ALACEVICH, 2020). É de se imaginar que, como consequência disso, suas ideias provavelmente se limitavam à apreciação de burocratas e entidades governamentais – à exceção, logicamente, do polêmico texto de 1974.

Se estivermos certos em depreender do relato de Alacevich que a economia do desenvolvimento estava em baixa e que isso tinha impactos negativos na carreira de Rosenstein-Rodan, seria possível argumentar que em 1974, o autor ainda estivesse impelido por alguma esperança de ver sua área de pesquisa – e talvez a sua carreira – voltarem ao patamar de evidência que tiveram décadas antes.

## **2.4 OS AUSTRO-LIBERAIS E A DEMOCRACIA**

Como coloca Wohlgemuth, os pensadores austríacos não eram estranhos ao estudo de sistemas e ideais políticos. Exemplos de textos escritos por Hayek e Mises na temática do Estado e seu papel na promoção (ou impedimento) da ordem espontânea do mercado e da sociedade são “*The Constitution of Liberty*” (escrito por Hayek em 1960), “*Law, Legislation and Liberty*” (também por Hayek, primeiro volume publicado em 1973), “*Socialism*” (escrito por Mises em 1936) e “*Omnipotent Government*” (de 1944, também por Mises). Além desses, o autor aponta “*The Legacy of Max Weber*” escrito por Ludwig Lachmann no ano de 1970 e, com grande destaque, a obra de Joseph Schumpeter “*Another Theory of Democracy*”, escrita em 1942 (WOHLGEMUTH, 2002).

### **2.4.1 O QUE PENSAVA MISES SOBRE DEMOCRACIA**

Grande influenciador de Hayek, Rosenstein-Rodan e uma geração inteira de economistas austríacos, Mises já foi acusado de fascismo. Isso aconteceu na ocasião em que leitores de seu livro “*Liberalism in the Classical Tradition*”, de 1927, se depararam com o trecho em que ele dizia que a emergência do fascismo era uma reação à política comunista de aniquilação e assassinato de seus oponentes (CALDWELL; MONTES, 2014). Assim, suas vitórias em países como Itália (1922), Espanha (1923), Chile (1924), Polônia (1926), Portugal (1926) e, posteriormente, Alemanha (1933) e Áustria (1934),

dentre outros países, seriam apenas episódios da longa série de lutas em torno da problemática da propriedade (LEESON, 2017). Esse argumento, além de soar como uma justificativa ao fascismo e aos crimes cometidos em seu nome, punha sobre o ideário comunista uma responsabilidade que não necessariamente lhe cabia e sobre a democracia a responsabilidade de promovê-lo.

Muito provavelmente equivocada, no entendimento de Caldwell e Montes (2014, p. 3), essa interpretação ignora a quase totalidade do livro. No volume, o real objetivo de Mises é defender o liberalismo em detrimento de outras ideologias – inclusive a fascista. Além disso, a imputação ignora a sua história pessoal de perseguição, enquanto judeu e pensador liberal, pelos próprios regimes fascistas e comunistas. O próprio autor relata suas dificuldades quando da anexação nazista da Áustria em 13 de março de 1938: no mesmo dia houve uma invasão em seu apartamento que resultou no confisco de boa parte de seus bens pessoais (MISES, 2006).

Ainda que um crítico do fascismo, Mises não via na democracia representativa a única forma possível de governo. Em suas notas é possível verificar como esse raciocínio se estrutura. A maioria dos políticos liberais do século XIX, diz Mises, acredita nos governos representativos e no sufrágio universal por acreditar na capacidade racional do homem comum. Grandes massas, nas suas perspectivas, não poderiam falhar. E, da mesma forma, ideias oriundas do povo e aprovadas pelo eleitorado só poderiam ir de encontro ao interesse público (MISES, 2013, p. 146).

No entanto, o que o autor destaca é que a infalibilidade das maiorias está longe de ser a razão pela qual filósofos liberais defenderam esses governos no passado. Para citar um exemplo, Mises conta que Hume entendia o governo como uma instituição permanentemente baseada em opinião. E reconhecia que, ao menos no longo prazo, a opinião que acaba prevalecendo é a da maioria. Desse modo, uma consequência natural para governos incapazes de garanti-la seria a queda – fosse pela renúncia, fosse pela força (MISES, 2013, p. 146).

O que o autor argumenta, portanto, é que não faz parte do pensamento liberal a ideia de que as massas estão sempre certas. Nem que a mera vontade da maioria configura um valor democrático. Nenhuma dessas ideias é implicação, direta ou indireta, do simples reconhecimento de que as maiorias têm de fato o poder de derrubar governos impopulares. Nas suas palavras

The rationale of representative government is not that majorities are God-like and infallible. It is the intent to bring about by peaceful methods the ultimately unavoidable adjustment of the political system and the men operating its steering mechanism to the ideology of the majority. The horrors of revolution and civil war can be avoided if a disliked government can be smoothly dislodged at the next election (MISES, 2013, p. 146-147)

Para Mises, o que um verdadeiro liberal defende é que a paz é fundamental para o funcionamento de uma economia de livre mercado. E que o bem-estar social é promovido por esta última. Assim, o governo representativo será o mais vantajoso e aceitável à medida em que for mais apto a promover a paz e a estabilidade do que seriam governos autoritários e/ou impopulares (2013, p. 146).

Embora Mises considerasse acertada a recusa da adoração cega à vontade das maiorias, ainda entendia que esses filósofos liberais de outrora cometiam um grande erro. Tal erro seria o otimismo de acreditar na submissão do homem comum. De pensar que este, muitas vezes incapaz de acompanhar raciocínios lógicos em um debate sensato, simplesmente se limitaria a aceitar as conclusões oferecidas pelos intelectuais à sua volta sem entendê-las (2013, p. 147).

Embora não seja necessariamente descabido – posto que é perfeitamente possível que um cidadão menos esclarecido não esteja propenso a acatar os ditames de outro mais perspicaz ou instruído do que ele –, esse pensamento diz algo importante sobre Mises. Podemos ver que o autor tem uma certa reserva com relação à plena participação desse cidadão não-erudito no processo político. E isto certamente tem implicações na sua visão sobre o pensamento das massas, dado que são majoritariamente compostas desse.

Por conseguinte, teríamos razões suficientes para acreditar que Mises não poderia ser considerado o defensor mais ferrenho do sufrágio universal e de outros institutos que caracterizam a democracia contemporânea. Conforme estabelecido por ele próprio, valores de paz e liberdade lhe são muito mais caros. E isso ocorre particularmente porque são instrumentais na promoção do livre mercado e outras instituições liberais que, por sua vez, são realmente capazes de promover o bem-estar social. Se, por estes valores, a representatividade política tivesse de ser preterida, o autor provavelmente não se oporia.

#### 2.4.2 O QUE PENSAVA HAYEK SOBRE DEMOCRACIA

Renomado por ir contra a noção da democracia como forma superior de coordenação social (WOHLGEMUTH, 2002), Hayek tem uma afirmação famosa de que preferiria viver sob um ditador liberal do que sob um governo democrático sem

liberalismo (NELL, 2014). Garantir as liberdades individuais, conforme escreve para o *The Times* em 1978, é uma tarefa que alguns governos autoritários já conseguiram realizar melhor do que determinadas democracias (FARRANT; MCPHAIL; BERGER, 2012). E um tipo de governo autoritário que poderia garantir o respeito às liberdades individuais frente aos “abusos da democracia” é o que ele chama de “ditadura liberal de transição”. Tal conceito já havia sido desenvolvido pelo autor desde antes da ditadura chilena surgir (FARRANT, MCPHAIL, 2014).

Ao ser indagado sobre esse conceito em 1981, Hayek disse o seguinte: quando um governo se depara com uma situação de ruptura e as regras ficam difíceis de entender, é necessário que novas regras sejam criadas. Precisamente nesse ponto de reconstrução, seria inevitável que alguém dispusesse de poderes absolutos, mesmo que isso se desse por um período de tempo reduzido. O importante, nesse caso, seria que este indivíduo utilizasse tais poderes para organizar a sociedade de forma tal que, futuramente, ninguém estivesse apto a concentrá-los novamente. Assim, se garantiria que ninguém estaria acima da lei (FARRANT; MCPHAIL; BERGER, 2012, p. 522). Uma democracia sem limites, diria Hayek para o jornal *El Mercurio*, é incompatível com a liberdade (HAYEK, 1981).

Ao contrário do que provavelmente diriam seus oponentes, no entanto, as ideias de Hayek não significam que ele seja um conservador antidemocrático. Conforme Wohlgemuth (2002), o que Hayek argumenta é que, embora a democracia seja o melhor método de formação de opinião pública, não se basta em si própria. Isso acontece porque um processo autônomo e espontâneo não seria imprescindível para estabelecer as diretrizes de um governo representativo. A prioridade, ainda assim, deveria ser o pleno funcionamento do Estado de Direito. Somente este permitiria que a visão da maioria estivesse passível de escrutínios mais sérios e questionamentos em um processo político sensato. De outra forma, corria-se o risco de esta ser cegamente aceita.

Ao ser questionado sobre as contradições do argumento – dado que ditaduras certamente têm características que entram em confronto com os valores da liberdade – Hayek até reconheceu que estas podem oferecer grandes perigos. No entanto, argumenta que, quando uma ditadura é capaz de impor limites a si própria de maneira deliberada, ela pode (não que vá, necessariamente) promover políticas mais liberais do que democracias representativas cujas assembleias imperam sem restrições. Assim, mesmo admitindo que se trata de uma hipótese bastante improvável, o autor pondera que pode se tratar da melhor

solução em determinados casos (FARRANT; MCPHAIL; BERGER, 2012, p. 523; NEMETH JUNIOR; ANGELI, 2020).

Uma distinção interessante – e talvez central para seu entendimento – é a que estabelece entre os conceitos de totalitarismo e autoritarismo. O primeiro, argumenta, em oposição ao liberalismo, consiste na definição de uma lógica de metas para a sociedade, de forma tal que sejam mitigadas as esferas individuais de ação e/ou planejamento. O segundo, em oposição à democracia, consiste na gestão de um governo por um indivíduo ou grupo que concentra todo o poder sem estar vinculado à vontade da maioria. Isso significa que seria possível uma democracia totalitária, da mesma forma que seria uma ditadura liberal (FARRANT; MCPHAIL; BERGER, 2012, p. 523).

O ponto central para Hayek parece ser o de que organizar a sociedade em prol do bem comum é um pleito que dispensa uma coordenação central. A competição de mercado, para o autor, já seria capaz de criar essa ordem social espontânea, desde que cercada de instituições adequadas para garantir a liberdade econômica dos indivíduos. Promover o interesse coletivo, nessas condições, seria possível a despeito das limitações dos agentes, sejam elas de entendimento ou de outra natureza (BURCZAK, 2014, p. 368).

Naturalmente, o bem comum não poderia ser completamente confiado à mera operação do livre mercado. Isto é, sabe-se que muitas transações econômicas têm externalidades negativas. Além disso, muitas pessoas sequer dispõem de recursos para realizá-las. Questões dessa natureza, que em um cenário alternativo seriam incumbência de um governo central com poderes suficientes, seriam, na visão de Hayek, adequadamente solucionadas por juízes de direito (BURCZAK, 2014, p. 369).

Da mesma forma que Mises, Hayek não parece entender o conceito da democracia como um fim em si própria. Seu propósito, antes, seria o de colaborar para o alcance do verdadeiro fim último: a liberdade. Em uma comparação das ideias de Hayek com Amartya Sen, Burczak (2014) aponta que é possível constatar uma convergência parcial entre os dois. Ambos entendem a liberdade como fim último e ponto central do desenvolvimento humano. No entanto, ao passo que Hayek entende a democracia como um conceito desconectado da liberdade, Sen a concebe como elemento constituinte. Dessa forma, postula que onde a primeira estiver ausente, a segunda estará limitada.

O respeito ao Estado de Direito em uma sociedade, para Hayek, significa garantir a aplicação igualitária das regras do governo entre os cidadãos. Isso englobaria tributação

proporcional, ausência de redistribuição de renda e propriedade e a proteção governamental aos ativos já apropriados no passado. Do contrário, entende que é iminente o rumo para a servidão, miséria e para o totalitarismo. Como bem aponta Burczak (2014), no entanto, a variedade de resultados obtida em experimentos com *welfare state* ao longo de décadas não permite concluir que esse seja o caso.

Um ponto central da sociedade livre de Hayek é que ela dependeria de um conjunto de gestores sábios. Estes, fossem ditadores militares temporários, juízes ou anciãos de aldeia, teriam a tarefa elementar de garantir o Estado de Direito (*rule of law*) e as condições necessárias à promoção da liberdade individual. Em alguns casos, essa tarefa poderia de fato envolver a consulta e a participação popular. Mas, em outros, simplesmente consistiria em fazer oposição ao sentimento de inveja redistributiva que eventualmente seduziria as massas incultas (BURCZAK, 2014, p. 371).

Um entendimento mais profundo sobre o pensamento de Hayek pode ser obtido com base em sua participação na Sociedade Mont Pèlerin<sup>20</sup>. Essa, partindo da premissa de que valores centrais para a civilização ocidental estavam em perigo, se estabeleceu em 1947 para lidar com um problema central ao liberalismo. “Em grandes porções do planeta”, diz sua declaração de objetivos, “condições essenciais à dignidade e à liberdade humanas já desapareceram [ou] estão sob constante ameaça por conta do desenvolvimento das atuais tendências da política” (MONT PÈLERIN, 1947, tradução nossa). As “atuais tendências da política” podem ser melhor elucidadas por Friedman, que diz

É difícil compreender agora, olhando para trás em mais de cinquenta anos, o quanto a situação era diferente no mundo em relação a hoje. Em todo lugar no mundo, a ênfase era em planejamento central e coletivismo. Aqueles poucos de nós que acreditavam na liberdade, no livre mercado e no governo mínimo éramos vistos como loucos por uma margem mais extremista do meio intelectual (FRIEDMAN, 2002, 00:00:27, tradução nossa)

Frente a esse prognóstico, os membros da Sociedade se viam diante do compromisso de empreender esforços no combate a tais tendências e na promoção do Estado de Direito, dos valores da propriedade privada e da livre iniciativa. Abstendo-se

---

<sup>20</sup> Fundada em meio ao desolador cenário do pós-Segunda Guerra, a sociedade surgiu em razão do interesse de economistas, historiadores, filósofos e outros pensadores em compartilhar e promover seus ideais liberais em nível internacional. Seus membros mais expoentes na época, além do idealizador Friedrich Hayek, eram Frank Knight, Karl Popper, Ludwig von Mises, George Stigler e Milton Friedman. Seu nome foi escolhido como homenagem ao monte homônimo próximo ao hotel que abrigou o primeiro encontro, no cantão suíço de Vaud (CALDWELL, 2020).

de filiações políticas e ortodoxias muito meticulosas ou inacessíveis, buscariam facilitar a troca de ideias entre mentes inspiradas pelos ideais libertários. Combateriam o que consideravam a má utilização da história como subsídio para teorias hostis à liberdade. E também colaborariam na promoção de uma nova ordem econômica pautada pela salvaguarda da paz e da liberdade, com relações econômicas internacionais harmoniosas (MONT PÈLERIN, 1947).

#### 2.4.3 O ARGUMENTO DA DITADURA DE TRANSIÇÃO

O argumento da ditadura de transição, embora não se limite aos escritos de Hayek, tem uma clara associação com este – particularmente no contexto do Chile. A Sociedade Mont Pèlerin, a julgar por sua declaração de objetivos e pelo seu fundador, provavelmente tinha uma visão muito próxima dessa. Mises, embora não utilize o conceito em seus textos, alega não ver na democracia representativa a única forma possível de governo, posto que as opiniões das majorias poderiam se sobrepor a valores de paz e liberdade. E, Rosenstein-Rodan concede que, no processo de restauração da harmonia social, “pode ser que a atividade política seja suprimida; mas isso deveria ser apenas um período intermediário. No longo prazo, em uma boa sociedade todo homem tem o direito de ter uma opinião errada” (ROSENSTEIN-RODAN, 1947, p. 13, tradução nossa).

Postas essas considerações, faz sentido acreditar que todos os mencionados compreendem a noção de uma cessação do processo democrático sob a pretensão de “arrumar a casa”. Seria necessário, no entanto, uma avaliação teórica mais aprofundada.

Antes de mais nada, como já estabelecemos, o conceito parte da hipótese de que a democracia não é um fim em si própria, nem é parte constituinte da liberdade. Para além disso, entretanto, se baseia em uma diferenciação elementar, feita entre os conceitos da própria democracia, e do Estado de Direito (*rule of law*). Sobre essa diferenciação, tecemos alguns comentários.

Embora sejam ambos atributos desejáveis de um sistema político, Ferejohn e Pasquino (2003, p. 242) são claros ao afirmar que Estado de Direito e democracia não se confundem. O primeiro, surgido no ocidente ao longo de um processo de luta contra as autoridades monárquicas, é geralmente entendido como a situação em que um governo age com base na lei. Isso significa que, em oposição às vias discricionárias, os governantes precisam promover suas políticas respeitando uma legislação que lhes

confere certos poderes, mas também lhes restringe outros. Decretos unilaterais e manifestos *ad hominem*, por exemplo, estariam fora de questão.

Para além da vinculação das ações governamentais à lei, os autores entendem que o Estado de Direito compreende outras ações que promovam a consolidação da estabilidade jurídica: que é o que permite aos indivíduos prever com clareza as consequências legais de suas ações e agir de acordo (Ex: o direito adquirido de usufruir de uma coisa pela qual se paga ou a certeza da condenação a uma determinada pena por um determinado crime). Por fim, os autores também dão destaque à proteção de determinados direitos ou garantias fundamentais. Bons exemplos desses seriam o direito inalienável à vida e a liberdade de expressão.

Democracia, por outro lado, seria a situação em que os indivíduos são governados por representantes que, preferencialmente eleitos, promovem o governo em prol dos seus interesses. Novamente conforme Ferejohn e Pasquino (2003), um governo democrático pode ir além do básico e promover, por exemplo, os interesses das minorias (nas situações em que estas não consigam impor suas pautas politicamente). Também é possível que se veja em posição de intervir nas desigualdades ocasionadas pelas interações sociais ou de mercado (como a exclusão econômica de certos grupos). E, por fim, que esteja apto a invalidar certas legislações que colidam com os valores democráticos da sociedade (FEREJOHN; PASQUINO, 2003, p. 242).

À luz disso, fica claro que, para Hayek, Mises, pensadores da Sociedade Mont Pèlerin e outros defensores do argumento, a ditadura liberal de transição seria um governo adstrito às palavras da lei. Mantido sob controle – principalmente nos seus impulsos de intervenção no domínio econômico – este promoveria o interesse público pela restauração da estabilidade jurídica e do respeito aos valores da propriedade e da livre iniciativa. Uma vez garantidos esses últimos, estaria estabelecido um *status quo* econômico e social a partir do qual a cooperação seria mais benéfica, e seria possível implementar um processo político mais participativo – que teria, certamente, o fim específico de promover ainda mais liberdade.

O ditador transicional de Hayek é um indivíduo a serviço dos indivíduos. Seus poderes são empregados só e tão somente na promoção e na defesa da liberdade. Voluntariamente, este aquiesce aos valores do Estado de Direito. E, mesmo antes de serem instituídas leis para vincular seu comportamento e limitar seus poderes de ação,

este as estabelece contra si próprio. Tudo isso porque se entende como titular temporário de prerrogativas que só têm razão de ser na promoção da transição para a democracia limitada (FARRANT; MCPHAIL, 2014).

Nesse sentido, Nemeth Jr e Angeli (2020) complementam que, na visão do autor, uma ditadura de direita estaria mais propensa à referida transição do que uma de esquerda. Regimes autoritários liberais seriam capazes de restaurar a democracia e as instituições sem se agarrar ao poder ou utilizá-lo para impor qualquer sorte de submissão ideológica. Incapazes de tolerar a pluralidade partidária, ditadores de esquerda simplesmente perseguiriam seus rivais e não cederiam seus poderes em prol de uma solução libertária.

#### 2.4.4 O TRANSFORMISTA

Compreender a relação entre membros da Escola Austríaca e a democracia é uma tarefa que não precisa necessariamente se limitar às suas abordagens teóricas ao assunto. Um exemplo interessante disso pode ser encontrado em uma figura bastante próxima de Rosenstein-Rodan: seu orientador Hans Mayer. Alcunhado por Klausinger (2015) de “último cavaleiro” da Escola Austríaca, este demonstrou muita adaptabilidade e capacidade de articulação política quando a estabilidade política de seu país se viu ameaçada. A respeito disso, faremos algumas breves considerações.

Na década de 1930, enquanto o jovem cirurgião Salvador Allende ainda participava da fundação do Partido Socialista Chileno, era iniciado na maçonaria e propunha a esterilização compulsória de deficientes em seu país (FRANZ, 2006), um acontecimento importante acercava-se da longínqua Áustria. Em 12 de março de 1938, contrariando os termos do tratado de Saint-Germain-en-Laye<sup>21</sup>, a Alemanha de Hitler incorporaria a pequena república em um episódio conhecido como *Anschluss*, ou “anexação”. Ainda que apoiada por parte da população, a natureza unilateral do ato, caracterizada pela ocupação militar e deposição do chanceler, já deixava claro que a sede do antigo império estaria sob nova direção e seguiria diretrizes já em vigor na Alemanha – inclusive a expulsão e perseguição de cientistas por motivos étnicos e políticos (HAGEMANN, 2010).

---

<sup>21</sup> Celebrado em 10 de setembro de 1919 na França, o Tratado de Saint-Germain-en-Laye foi um acordo entre os Aliados e a recém-criada República da Áustria. Após o término da Primeira Guerra Mundial, pelos seus termos, dissolvia-se a monarquia Habsburgo e reconhecia-se a independência de Hungria, Checoslováquia, Polônia e outros países.

Muitos reflexos dessa nova realidade chegariam ao departamento de economia da Universidade de Viena. O mais assustador seria a demissão e o encarceramento de figuras ligadas ao círculo de Otmar Spann (opositor de Mayer) e ao governo deposto. Já em meio a um processo de emigração bastante acentuado, os poucos economistas judeus que, por algum motivo, ainda estavam na cidade com ambições de obter uma vaga de professor podiam abandonar as esperanças. Àquelas alturas, Rosenstein-Rodan e muitos outros já tinham partido para as comunidades científicas dos países de língua inglesa (BOETTKE; COYNE; NEWMAN, 2016, p. 2).

Como não fazia parte de minorias étnicas e era um dos professores mais antigos do departamento, Hans Mayer viu por bem permanecer onde estava. Sua estratégia consistiu em aliar-se aos novos administradores e concorrer para a promoção de seus interesses. O “*Verwandlungskünstler*”, ou “transformista”, como seria reconhecido pelos nazistas, adotaria várias medidas que causariam imenso estranhamento entre seus colegas de profissão. A mais polêmica delas foi o desligamento de todos os membros não arianos da Associação Nacional de Economia (“*Nationalökonomische Gesellschaft*”). Também existem relatos de que ele teria colaborado com algumas denúncias. Além disso, escreveria um editorial saudando os novos governantes no Jornal de Economia (“*Zeitschrift für Nationalökonomie*”), do qual era editor-chefe (KLAUSINGER, 2015).

Tais ações provavelmente foram levadas a cabo por conta da leitura que o próprio Mayer fazia de sua difícil situação. Em sua defesa, o orientador de Rosenstein-Rodan diria que fez o que fez na intenção de salvar as instituições em questão, dado que seriam dissolvidas pelo novo governo caso não o fizesse (KLAUSINGER, 2015). E que, assim, por ocasião da desocupação em 1945, rapidamente estabeleceria contatos com seus novos chefes e buscaria reestabelecer a normalidade dentro do curso de economia.

Embora suficiente para mantê-lo em seu cargo, seu alinhamento com o autoritarismo alemão ficaria gravado para sempre na memória de seus colegas e alunos. Ao final de sua vida, como coloca Klausinger (2015), alguns o veriam como herói e outros como traidor. Sua principal característica seria a de ter presidido a Escola Austríaca por quase três décadas e tentado lutar pela preservação de uma corrente de pensamento que ignorava a maior parte dos elementos da teoria moderna da demanda (como a taxa marginal de substituição e o conceito de utilidade). Neste tempo, em oposição a ocupar-se com publicações acadêmicas, suas ações se concentrariam em sobreviver e evitar o

declínio da instituição enquanto driblava conflitos em um ambiente acadêmico cada vez mais hostil.

## 2.5 OS DIFERENCIAIS DE ROSENSTEIN-RODAN

Retornando à relação entre Rosenstein-Rodan e seus pares austríacos, já nos vemos em condições de estabelecer uma comparação entre as visões do primeiro e as destes últimos – majoritariamente representadas no Chile por Hayek. Conforme estabelecido na introdução deste texto, a intenção aqui é estabelecer as condições do apoio de Rosenstein-Rodan ao novo governo chileno e verificar se são atribuíveis à sua origem austríaca ou a outras condições ligadas à sua carreira e ideais.

Conforme já estabelecido, o governo Allende nunca foi uma unanimidade. Questionado pelos opositores por conta de sua agenda política, era visto desde o início como uma ameaça populista ao Estado de Direito e um risco para os valores liberais e democráticos que ainda imperavam na sociedade chilena. Em poucos anos, sua gestão econômica insustentável e discricionária veio apenas a confirmar muitos dos temores do Partido Democrata Cristão e seus simpatizantes. Sem surpresas, quando a maré de instabilidade política que tomava a América Latina atingiu o Chile, encontrou um país avassalado por uma crise econômica sem precedentes.

Frente a esse cenário, tanto Rosenstein-Rodan quanto Hayek e seus companheiros liberais acreditavam que era inevitável a substituição do errático Allende por um governante de pulso mais firme e maior sensatez. Fosse pela ideologia disruptiva que o embasava, fosse pela maneira irresponsável com que o plano econômico era planejado e executado, fato é que o entendiam como impraticável e nocivo à harmonia social e à prosperidade do país.

A partir daí, no entanto, suas agendas políticas não podiam ser mais distintas. Décadas de pesquisa e estudos nos temas de desenvolvimento latino-americano fizeram de Rosenstein-Rodan um *expert* no aconselhamento de instituições internacionais e governos nos temas de auxílio internacional e de América Latina. Tão logo a crise se instaurara, o autor procedeu a estabelecer para o país um plano de desenvolvimento. Este, dirigista e baseado em grandes investimentos, objetivava o crescimento econômico de volta aos patamares que se projetavam ao longo da década de 1960. Sua proposta era em grande medida consistente com os conceitos de *big push* e crescimento balanceado que haviam sido consagrados décadas antes, pelo seu famoso artigo de 1943.

Hayek e seus companheiros da Sociedade Mont Pèlerin, por outro lado, vinham de um processo completamente diferente. Mais tardios na sua aproximação e mais próximos da figura de Pinochet<sup>22</sup>, sua principal meta era provavelmente expor a problemática relação entre a democracia e a ascensão de regimes totalitários ao redor do mundo. Combater o totalitarismo socialista, em seus termos, condizia com seu compromisso de lutar pela liberdade e promover o Estado de Direito.

Aproximando-se do novo governo, provavelmente objetivavam colaborar para estabelecer na América do Sul um importante precedente: o de uma ditadura liberal. Esta, pautada pelo respeito às liberdades individuais e à livre iniciativa, teria os pulsos firmes para promover a prosperidade e o bem-estar social dispensando as intervenções de um estado paternalista e tirânico. Nesse sentido, talvez estabelecessem que instituições como a democracia teriam um papel secundário: teriam valor apenas quando (e se) fossem capazes de ampliar as liberdades individuais, e nunca para cerceá-las.

Parcialmente aderente ao argumento da ditadura liberal de transição, Rosenstein-Rodan é bem menos entusiástico. Em seu texto, que nem sequer menciona o Estado de Direito ou os supostos problemas da democracia ilimitada. O autor anui que a supressão da atividade política até pode ser necessária para colocar “a casa em ordem”. No entanto, deixa claro que sua retomada deve se dar tão logo quanto possível. Também cita um exército apolítico como uma das grandes virtudes que, tradicionalmente sustentadas no Chile, lhe conferiam a posição de país politicamente mais desenvolvido da América Latina (ROSENSTEIN-RODAN, 1974, p. 8).

Quanto às graves objeções de Hayek e outros frutos liberais da Universidade de Viena contra o socialismo, Rosenstein-Rodan é novamente um dissidente. Na sua perspectiva, o socialismo era a ideologia do século e Allende, desconsiderando precedentes internacionais importantes, simplesmente adotara políticas insustentáveis e, por sua própria incompetência, a representara muito mal. Para Rosenstein-Rodan, “não é inerente ao socialismo ser ineficiente. A Rússia também é [...] socialista, mas não aumenta sua base monetária em dez por cento todo mês. Qualquer graduando de economia iria saber [que é uma má ideia]” (1974, p. 7, tradução nossa, adaptado).

---

<sup>22</sup> Detalhes sobre os encontros de Hayek e Pinochet podem ser encontrados em Caldwell e Montes (2014). As visitas de Hayek ao Chile foram desaconselhadas pela Anistia Internacional, conforme Farrant & McPhail (2014, p. 17).

Mises e Hayek, renomados por sua participação no debate sobre o cálculo econômico socialista ocorrido nos anos 1930, certamente discordariam (NEMETH JUNIOR; ANGELI, 2020). O entendimento de que este é precário porque o sistema promove distorções nos preços sempre foi a tônica do seu argumento. Além disso, os autores não estão sozinhos. Debates sobre a ineficiência do socialismo podiam ser encontrados já no início da Escola Austríaca de Pensamento Econômico. No começo do século XX se destacavam os promovidos pelo professor Eugen Böhm-Bawerk em torno da teoria marxista de valor trabalho (MISES, 2013).

Postas essas considerações, não restam dúvidas de que o Rosenstein-Rodan da década de 1970 é um economista muito diferente do que o senso comum entenderia por um economista austríaco. Enquanto seus pares liberais advogavam por sociedades de livre iniciativa e estado mínimo, ele acreditava nos grandes investimentos públicos e na gestão centralizada destes. Enquanto seus pares se agitavam para demonstrar os riscos da democracia na promoção do totalitarismo, ele acreditava que esta tinha de ser reestabelecida tão logo quanto possível. Enquanto seus pares entendiam o socialismo como uma ameaça à sociedade ocidental, ele o via como o ideal do século.

Naturalmente, não se nega que sua aproximação à crise chilena foi de fato turbulenta. Suas palavras atingiram um público muito sensibilizado pelos escândalos políticos que, ao longo dos anos sessenta e setenta, mancharam a reputação do governo dos EUA e muitas de suas instituições. E a reação que se seguiu às suas ideias certamente tinham algum resquício desse desencanto. No entanto, é um tanto quanto radical dizer que suas posições eram apologias a golpes militares ou ao autoritarismo.

Preocupado com os planos econômicos e com a gestão irresponsável de Allende, o autor limitou-se a explicar suas objeções às práticas vigentes em 1973 e as razões pelas quais as políticas eram equivocadas e nem sequer se aproximavam do socialismo. Da mesma forma, em nenhum momento abonou ou negou violações de direitos humanos que ocorreram por ocasião da intervenção de 1973. Sua visão é bastante clara também nesse sentido: “há razões para temer hoje em dia pelo estado dos direitos humanos no Chile” (ROSENSTEIN-RODAN, 1974, p. 13, tradução nossa).

Por outro lado, é inegável que, embora não fosse um entusiasta dos excessos e do caráter antidemocrático do golpe, Rosenstein-Rodan aconselhava pessoas que o apoiavam. A Aliança para o Progresso, em cujo comitê discursava em 1974, havia sido

criada exclusivamente para frear o avanço socialista na América após a revolução cubana de 1959. Esta era a mesma aliança que, nos anos setenta, cogitava oferecer recursos ao governo militar chileno mesmo sabendo de seus crimes. O governo dos Estados Unidos, que a criara, promovia operações de inteligência em todo o continente e não era estranho ao financiamento de golpes e ditaduras – como foi o caso do Chile, em que a greve dos caminhoneiros teve articulação da CIA (CALDWELL; MONTES, 2014; DEVINE, 2014). E, dado que a cobertura internacional era ampla e já havia chegado ao grande público, é difícil crer que Rosenstein-Rodan não dispusesse de alguma dessas informações.

No entanto – e talvez esse seja um ponto ao qual Alacevich (2020) não tenha se sensibilizado –, é necessário entender que Rosenstein-Rodan se via diante de um certo dilema. Certamente que apenas reconhecer as violações de direitos e nada fazer a respeito é uma saída muito fácil. No entanto, atitudes muito enfáticas provavelmente teriam mais o efeito de inviabilizá-lo enquanto conselheiro de política pública do que mudar a realidade imediata do país.

Além disso, é provável que o autor já tivesse se conformado com o fato de que suas ideias teriam de conviver com agendas políticas dessa natureza. Nos anos 1940, quando deu os primeiros passos da sua teoria na Chatham House, era claro o interesse estratégico do Leste Europeu para o governo britânico. Na tentativa de refrear o avanço nazista, este planejava oferecer financiamentos para que os governos da região investissem em infraestrutura e não se aproximassem da Alemanha.

A analogia entre o Leste Europeu e o Chile é cristalina. O governo dos EUA adotara uma estratégia semelhante à do Reino Unido e tinha planos de aplicá-la por meio da Aliança para o Progresso. Na essência, pouco havia mudado no plano político. Ainda que Rosenstein-Rodan se visse na desconfortável posição de tolerar regimes opressores e agendas governamentais questionáveis, é provável que encarasse essa realidade como parte de seu ofício.

Por fim, o argumento de que Rosenstein-Rodan fora muito rápido em negligenciar as violações de direitos humanos perpetradas pela junta militar poderia esbarrar em um outro questionamento. Quem poderia dizer que violações maiores não ocorreriam no próprio governo Allende? Não apenas se sabe que suas políticas provocaram uma crise econômica severa, como também há relatos na literatura que remontam a prejuízos

financeiros e familiares por parte de pessoas perseguidas pelo governo e seus simpatizantes. Nesse espírito, não seria inteiramente descartável a hipótese de que Rosenstein-Rodan entendesse o regime de Pinochet como uma alternativa mais promissora – ou, pelo menos, capaz de seguir uma trajetória mais austera e menos caótica do que seu predecessor.

## **2.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a intenção de oferecer uma perspectiva sobre o pensamento de Rosenstein-Rodan sobre a crise democrática chilena, este trabalho se propôs a comparar suas ideias aos conceitos dominantes no pensar austro-liberal. Observou-se uma certa proximidade, particularmente no que diz respeito à avaliação do governo deposto, e também, em menor grau, à necessidade de uma interrupção do processo democrático para reestabelecimento das instituições. A partir daí, no entanto, é visível que as posições se distanciam.

Concluiu-se que o rechaço às ideias do autor pode ter sido fruto de uma certa precipitação, particularmente pela comunidade acadêmica que o cercava. Longe de isentar Rosenstein-Rodan de qualquer responsabilidade, o que este trabalho propõe é uma visão mais branda da sua aderência ao regime de Pinochet. Argumenta-se para que lhe seja concedido o benefício da dúvida no âmbito de suas preocupações para com os direitos humanos – uma vez que estes, ao que se sabia, poderiam também ser violados no governo anterior. E também sustentar que, dada a situação em que se via, talvez a possibilidade de colaborar com a elaboração da política econômica chilena lhe parecesse um curso de ação mais proveitoso do que o mero antagonismo.

A essas alturas, restaria saber se os arquivos a que Alacevich teve acesso oferecem mais detalhes sobre as posições que Rosenstein-Rodan demonstrou na ocasião. Bons candidatos talvez fossem a entrevista concedida ao jornal estudantil em 1974 e, eventualmente, comunicações que porventura tenha feito a colegas e amigos no assunto. A julgar pelos textos disponíveis ao público mais amplo, no entanto, a responsabilidade que o autor lhe atribui parece um pouco exagerada.

## CONCLUSÃO

Dividida em dois ensaios, esta dissertação investigou alguns dos aspectos mais desconhecidos da carreira de Paul Narciz Rosenstein-Rodan (1902-1985), como o seu processo de formação no ambiente informal e instável da Viena do entre guerras e a sua contribuição ao espinhoso debate em torno do golpe militar chileno de 1973. Concluiu-se que sua formação eclética e distanciada dos valores iniciais da Escola Austríaca de Pensamento fez dele um economista mais aberto a pensares diferentes do liberal. E que essa condição, somada aos avanços da própria história, teria grande impacto na sua carreira e na forma como essa se relacionou com as teorias desenvolvimentistas em ebulição a partir dos anos quarenta.

Quanto à questão chilena, foi possível concluir que nada do seu discurso parece particularmente apologético aos crimes da junta militar ou à interrupção da democracia. Diferente de economistas austro-liberais, Rosenstein-Rodan não se mostrava particularmente incomodado com um regime socialista democraticamente eleito. No entanto, coerente com seu cargo de pesquisador do CLADS, entendeu como parte seu trabalho de apontar as falhas técnicas do governo Allende e propor soluções para colocar a economia chilena de volta na rota do crescimento. A política internacional do governo dos Estados Unidos, assim como a situação da democracia no Chile, eram conjunturas que, embora provavelmente lamentasse, estavam certamente fora do seu alcance e não haveria sentido em confrontá-las cegamente.

Com relação ao aprofundamento da presente pesquisa, este autor não tem dúvidas de que oportunidades únicas podem ser desbravadas por acadêmicos que obtiverem acesso ao acervo do *Howard Gotlieb Archival Research Center* da Universidade de Boston. Ignorada por muitos anos, uma série de documentos produzidos e/ou guardados por Rosenstein-Rodan está conservada nesta que foi sua última instituição de trabalho e na qual liderou os trabalhos do CLADS. Aparentemente, além de seus inúmeros textos de circulação restrita, a coleção inclui correspondências suas em vários idiomas com colegas ao redor do mundo, fotografias tiradas nas reuniões da Aliança para o Progresso, passaportes, certificados de naturalização, recortes de jornais antigos (como o *Zeitschrift Für Nationalökonomie*, no qual trabalhou com Morgenstern e Mayer), fitas *cassette* com gravações de painéis, conferências e outras reuniões, além de numerosos manuscritos, anotações e até extratos bancários.

Uma exploração paciente desse promissor acervo certamente permitiria um *insight* formidável no estado em que se via a produção científica de Rosenstein-Rodan ao final de sua carreira e no alcance que sua influência tinha nos círculos políticos americanos e europeus. Também permitiria aprofundar ainda mais o conhecimento sobre sua dissidência dos dogmas da Escola Austríaca que culminou na sua teoria do desenvolvimento, bem como o caminho admirável que o autor seguiu até consolidá-la.

## REFERÊNCIAS

ALACEVICH, Michele. Paul Rosenstein-Rodan and the Birth of Development Economics. **Center for the History of Political Economy at Duke University Working Paper Series**, 2020.

ASHBY, Charlotte; GRONBERG, Tag; SHAW-MILLER, Simon (Ed.). **The Viennese cafe and fin-de-siecle culture**. New York: Berghahn Books, 2013.

BALDWIN, Robert E. Gottfried Haberler's contributions to international trade theory and policy. **The Quarterly Journal of Economics**, v. 97, n. 1, p. 141-148, 1982.

BLAUG, Mark. **Economic theory in retrospect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

BOETTKE, Peter J.; COYNE, Christopher J.; NEWMAN, Patrick. The history of a tradition: Austrian economics from 1871 to 2016. In: **Including a Symposium on Austrian Economics in the Postwar Era**. Emerald Group Publishing Limited, 2016.

BURCZAK, Theodore. Dictating Liberty. **Review of Political Economy**, v. 26, n. 3, p. 368-371, 2014.

CALDWELL, Bruce. **Beyond Positivism: Economic Methodology in the Twentieth Century**. Londres: Routledge 1994.

CALDWELL, Bruce. **Hayek's challenge: An intellectual biography of FA Hayek**. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

CALDWELL, Bruce. **Mont Pèlerin 1947**. Hoover Institution and Duke University. 16 de Janeiro de 2020. Disponível em: [https://www.hoover.org/sites/default/files/research/docs/mps\\_caldwell.pdf](https://www.hoover.org/sites/default/files/research/docs/mps_caldwell.pdf). Acesso em janeiro de 2021.

CALDWELL, Bruce; MONTES, Leonidas. Friedrich Hayek and his visits to Chile. **The Review of Austrian Economics**, v. 28, n. 3, p. 261-309, 2014.

CARVALHO, André Roncaglia. **Equilíbrio, coordenação e conhecimento**: um estudo sobre a questão monetária em Hayek. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

CARROL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Rio de Janeiro. Zahar Editora. [1865] 2010.

CHAKRAVARTY, Sukhamoy. Paul Rosenstein-Rodan: An Appreciation. **World Development**, v. 11, n. 1, p. 73-75, 1983.

COHEN, Avi Jonathan. The Hayek/Knight capital controversy: the irrelevance of roundaboutness, or purging processes in time? **History of political economy**, v. 35, n. 3, p. 469-490, 2003.

CRAVER, Earlene. The emigration of the Austrian economists. **History of Political Economy**, v. 18, n. 1, p. 1-32, 1986.

DEKKER, Erwin. The Vienna circles: cultivating economic knowledge outside academia. **Erasmus Journal for Philosophy and Economics**, v. 7, n. 2, p. 30-53, 2014.

DER WISSENSCHAFTEN, Österreichische Akademie. **Österreichisches Biographisches Lexikon 1815–1950**. Bd. 10 (Lfg. 48), S. 193f 1992. DOI. 10.1553/0x002851db. Disponível em: <[http://www.biographien.ac.at/oeb1/oeb1\\_S/Schlesinger\\_Karl\\_1889\\_1938.xml](http://www.biographien.ac.at/oeb1/oeb1_S/Schlesinger_Karl_1889_1938.xml)>. Acesso em: 16 de abril de 2020.

DEVINE, Jack. What Really Happened in Chile: The CIA, the Coup Against Allende, and the Rise of Pinochet. **Foreign Affairs**, v. 93, n. 4, p. 26-35, 2014.

EBENSTEIN, Alan. **Hayek's journey: The mind of Friedrich Hayek**. Nova Iorque: Palgrave MacMillan, 2003.

FARRANT, Andrew; MCPHAIL, Edward; BERGER, Sebastian. Preventing the “Abuses” of Democracy: Hayek, the “Military Usurper” and Transitional Dictatorship in Chile? **American Journal of Economics and Sociology**, v. 71, n. 3, p. 513-538, 2012.

FARRANT, Andrew; MCPHAIL, Edward. Can a dictator turn a constitution into a can-opener? FA Hayek and the alchemy of transitional dictatorship in Chile. **Review of Political Economy**, v. 26, n. 3, p. 331-348, 2014.

FEREJOHN, John; PASQUINO, Pasquale. **Rule of Democracy and Rule of Law**. In: MARAVAL, José M.; PRZEWORSKI, Adam (Ed.). **Democracy and the Rule of Law**. New York: Cambridge University Press. 2003.

FRANZ, Carlos. La mala memoria de Allende. **Letras libres**, n. 52, p. 39-41, 2006. Disponível em <https://www.letraslibres.com/mexico-espana/la-mala-memoria-allende>. Acesso a 01 jan 2021.

FRIEDMAN, Milton. **Rose and Milton Friedman on Mont Pelerin Society**. [Entrevista concedida a] Michael McFaul. Hoover Institution/Stanford University, Stanford (CA), 15 de outubro de 2002. Disponível em: <https://youtu.be/FT8T03J6Pb0>. Acesso em dezembro de 2020.

HAGEMANN, Harald. The Austrian School in the Interwar Period. In: HAGEMANN, Harald; NISHIZAWA, Tamotsu; IKEDA, Yukihiro. **Austrian Economics in Transition**. Londres: Palgrave Macmillan. p. 179-195, 2010.

HAYEK, F. A. Friedrich von Hayek: líder y maestro del liberalismo económico. **El Mercurio**, p. D8-D9 12 de abril. 1981.

HIGH, Jack. Marginal Utility. In: BOETTKE, Peter J. **The Elgar Companion to Austrian Economics**. Edward Elgar Publishing, 1998. p. 87-91.

HOSSEINI, Hamid. Rosenstein-Rodan: From marginal utility to a pioneer in economic development and possibly socio-economics. **The Journal of Socio-Economics**, v. 28, n. 2, p. 117-118, 1999.

HÜLSMANN, Jörg Guido. **Mises: The last knight of liberalism**. Ludwig von Mises Institute, 2007.

KLAUSINGER, Hansjörg. From Mises to Morgenstern: Austrian economics during the Ständestaat. **The Quarterly Journal of Austrian Economics**, v. 9, n. 3, p. 25, 2006.

KLAUSINGER, Hansjörg. Hans Mayer, last knight of the Austrian school, Vienna branch. **History of Political Economy**, v. 47, n. 2, p. 271-305, 2015.

KURDIOVSKI, Richard. **The cliché of the Viennese café as an extended living room**. In: ASHBY, Charlotte; GRONBERG, Tag; SHAW-MILLER, Simon (Ed.). **The Viennese cafe and fin-de-siecle culture**. New York: Berghahn Books, 2013.

LARRAÍN, Felipe; MELLER, Patricio. The socialist-populist Chilean experience, 1970-1973. In: **The macroeconomics of populism in Latin America**. University of Chicago Press, 1991. p. 175-221.

LEEN, Auke R. Marginal Utility: Short-cut in equilibrium and disequilibrium. In: **Congresbijdrage Eur. Conf. Austrian economics**. Maastricht. 1992.

LEESON, Robert. What Is 'Hayek'?. In: **Hayek: A Collaborative Biography**. Palgrave Macmillan, Cham, 2017. p. 1-61.

LEONARD, Robert J. Ethics and the excluded middle: Karl Menger and social science in interwar Vienna. **Isis**, v. 89, n. 1, p. 1-26, 1998.

LÉNIZ, Fernando. **An Overview of The Chilean Economic Policies**. In: VICUÑA, Francisco Ramón Orrego. **Chile: the balanced view**. A recopllation of artictes about the Allende years and after. 1975.

LEONARD, Robert. **Von Neumann, Morgenstern, and the creation of game theory: From chess to social science, 1900–1960**. Nova York. Cambridge University Press, 2010.

LOPES, ANA MARIA D.'ÁVILA; CHEHAB, ISABELLE MARIA CAMPOS VASCONCELOS. Uma Análise Sobre a Transição da Ditadura Militar Para a Democracia No Chile. **Revista de Teorias da Democracia e Direitos Políticos**, v. 1, n. 1, p. 82-105, 2015.

LORCA, Federico García. **Poeta en Nueva York**. Nova York. Grove Press. 2008

MADERTHANER, Wolfgang; SILVERMAN, Lisa. **“Wiener Kreise”**: Jewishness, Politics, and Culture in Interwar Vienna. In: HOLMES, Deborah; SILVERMAN, Lisa (Ed.). **Interwar Vienna: culture between tradition and modernity**. Rochester, Camden House, p. 59-81, 2009.

MEADOWCROFT, John; RUGER, William. Hayek, Friedman, and Buchanan: On public life, Chile, and the relationship between liberty and democracy. **Review of Political Economy**, v. 26, n. 3, p. 358-367, 2014.

MEIER, Gerald; SEERS, Dudley. **Pioneers in Development**. Washington: Oxford University Press, 1984.

MISES, Ludwig. **Economic policy: thoughts for today and tomorrow**. Ludwig von Mises Institute, 2006.

MISES, Ludwig. **The historical setting of the austrian school of economics**. Ludwig von Mises Institute, 2007.

MISES, Ludwig. **Notes and Recollections: With The Historical Setting of the Austrian School of Economics**. Indianapolis, Liberty Fund, 2013.

MONT PÈLERIN Society. **Statement of Aims**. 8 de abril de 1947. Disponível em <<https://www.montpelerin.org/statement-of-aims/>>. Acesso em janeiro de 2021.

MUDAHAR, Mohinder S. **Dynamic models of agricultural development with demand linkages**. USAID-Employment and Income Distribution Project, Department of Agricultural Economics, Cornell University, 1973.

NATALI, João Batista. **Plano de 1961 queria barrar avanço cubano**. Folha de São Paulo, São Paulo, 06 mar. Análise. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0603200703.htm>. 2007.

NELL, Guinevere. The Alchemy of the Can Opener: How an Austrian Economist Found Himself Supporting Dictatorial Imposition of a Liberal Order. **Review of Political Economy**, v. 26, n. 3, p. 349-357, 2014.

NEMETH JUNIOR, Henrique Nemeth; ANGELI, Eduardo. HAYEK, CAMPOS E A DEFESA DO AUTORITARISMO. **Análise Econômica**, v. 38, n. 76, 2020.

PALEY, Julia. **Marketing Democracy: Power and Social Movements in Post-Dictatorship Chile**. Berkeley: University of California Press, 2001.

PAUL Rosenstein-Rodan Dies; Noted Adviser on Economics. **The New York Times**, New York, 30 abr. 1985. Seção A. Página 26. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1985/04/30/us/paul-rosenstein-rodan-dies-noted-adviser-on-economics.html>. 1985

ROJAS, Robinson. **The murder of Allende and the end of the Chilean way to socialism**. HarperCollins Publishers, 1976. Disponível em: <https://www.rrojasdatabank.info/murder00.htm>. Acesso em dezembro de 2021.

ROMEO, C. El carácter clasista y el contenido ideológico de la política económica del Gobierno de la Unidad Popular. In **La Economía Chilena en 1971**, ed. Instituto de Economía. p. 23-46. Santiago: Universidad de Chile. 1971.

ROSENSTEIN-RODAN, Paul N. The role of time in economic theory. **Economica**, v. 1, n. 1, p. 77-97, 1934.

ROSENSTEIN-RODAN, Paul N. The coordination of the general theories of money and price. **Economica**, v. 3, n. 11, p. 257-280, 1936.

ROSENSTEIN-RODAN, Paul N. Problems of industrialisation of eastern and south-eastern Europe. **The economic journal**, v. 53, n. 210/211, p. 202-211, 1943.

ROSENSTEIN-RODAN, Paul N. Why Allende Failed. **Challenge**, v. 17, n. 2, p. 7-13, 1974.

ROSENSTEIN-RODAN, Paul Narcyz. **An Overview of The Chilean Economic Policies**. In: VICUÑA, Francisco Ramón Orrego. **Chile: the balanced view**. A recopllation of artictes about the Allende years and after. 1975.

ROZENBLIT, Marsha L. **The Jews of Vienna, 1867-1914: assimilation and identity**. Albany: State University of New York Press, 1984.

SCHUMPETER, Joseph A. **History of economic analysis**. Londres: Routledge, 1954.

SILVA, Danilo Freitas Ramalho da. **A construção do objeto teórico das teorias do Desenvolvimento Econômico**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. 2005.

SOROMENHO, Jorge Eduardo de Castro. Capital e Coordenação Intertemporal: a Visão Austríaca. **Revista Brasileira de Economia**, v. 52, n. 3, p. 495-522, 1998.

SOROMENHO, Jorge Eduardo de Castro. Hayek, Hicks e a ascensão do walrasianismo. **Economia e Sociedade**, v. 21, n. 2, p. 219-244, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0104-06182012000200001>

TIMMS, Edward. **Cultural parameters between the wars: a reassessment of the Vienna circles**. In: HOLMES, Deborah; SILVERMAN, Lisa (Ed.). **Interwar Vienna: culture between tradition and modernity**. Rochester, Camden House, p. 21-30, 2009.

USAKOWSKA-WOLFF, Urszula; WOLFF, Manfred. **Erna Rosensteins Leben und Werk**. Disponível em: <<http://www.usakowska-wolff.com/erna.htm>>. Acesso em: 16 de maio de 2020.

VAUGHN, Karen. **Austrian Economics in America: The Migration of a Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

VELASCO, Eugenio. **The Allende Regime in Chile: An Historical and Legal Analysis. Parts I, II, and III**. Loyola University, 1976.

VICUÑA, Francisco Ramón Orrego. **Chile: the balanced view**. A recopllation of artictes about the Allende years and after. 1975.

WEINDLING, Paul. **A City Regenerated: Eugenics, Race, and Welfare in Interwar Vienna**. In: In: HOLMES, Deborah; SILVERMAN, Lisa (Ed.). **Interwar Vienna: culture between tradition and modernity**. Rochester, Camden House, p. 81-113, 2009.

WOHLGEMUTH, Michael. Democracy and opinion falsification: Towards a new Austrian political economy. **Constitutional Political Economy**, v. 13, n. 3, p. 223-246, 2002.

WRIGHT, Thomas C.; OÑATE, Rody. **Chilean diaspora**. In: EMBER, Melvin; EMBER, Carol R.; SKOGGARD, Ian (Ed.). **Encyclopedia of diasporas: immigrant and refugee cultures around the world**. Volume I: overviews and topics; Volume II: diaspora communities. Springer Science & Business Media, 2004.